José Melquíades

CENTENÁRIOS

Padre Brito Guerra
Dom Joaquim de Almeida
Auta de Sousa

Natal, RN - Janeiro de 1978

PREFACIANDO

JOSÉ MELQUÍADES firma-se na literatura norte-rio-grandense. Professor, escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, estas conquistas são frutos de um trabalho profícuo de pesquisa e observação. O reconhecimento do seu labor é um dever. Proclamar o seu esforço é a gratidão dos que recebem a doação que faz às nossas letras.

O autor é um fisionomista, sabendo retratar com perfeição a paisagem humana, física e sentimental de uma terra, como também de outras glebas do mundo, pois o homem é um só, variando apenas nos seus traços étnicos e culturais.

Viajando pelos Estados Unidos, teve o cuidado de fixar detalhes daquele País, perpetuando-os no livro "OS ESTADOS UNIDOS, A MULHER E O CACHORRO". Inicia, assim, sua vida literária, que vai sendo enriquecida com a publicação de novos trabalhos, evocando, num livro biográfico, o perfil do PADRE FRANCISCO DE BRITO GUERRA e enveredando pelos caminhos do romance com JUCA PORFIRO.

Agora reúne em um só livro três potiguares ilustres, numa evocação biográfica e sentimental. Inicialmente revela a atividade literária do PADRE FRANCISCO DE BRITO GUERRA, ao pronunciar conferência quando das comemorações do bicentenário do seu nascimento. Traça o perfil do homem de letras, latinista, escritor, poeta, orador, fundador da imprensa natalense. O biografado, mesmo sendo político, imprimiu aos seus pronunciamentos um caráter de conhecedor dos problemas sócio-econômicos do Estado, tratando-os com brilhantismo e erudição.

No segundo estudo retrata a figura respeitável, também sacerdote, de D. JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA, nosso primeiro bispo, nascido em Goianinha. Tendo cursado o Colégio Diocesano de Olinda e o Seminário Maior de Fortaleza, a ele caberia a missão de organizar a Diocese de Natal. Pastor por um período curto, a doença faria com que resignasse. Mesmo assim exerceu um profundo ministério evangelizador, até fixar-se na Rua Pernambuquinho, em Macaíba, de onde veio a ser recolhido à glória dos justos.

Finalmente nos traz a imagem de AUTA DE SOUZA. Nascida em Macaíba, de uma família que marcaria sua presença nas letras e na política da terra, a poetisa do HORTO cantaria a paisagem humana e a natureza agreste. O sofrimento lhe foi companhia a partir dos 14 anos, mas não pôde destruir o sentimento e a fé que inspiraram a sua obra, cheia de vontade. Morta aos 24 anos, quando as asas não se haviam aberto para o vôo livre, não deixou, contudo, de chegar às alturas, mesmo na caminhada lenta, mas fulgurante, percorrida no curto intinerário da vida.

JOSÉ MELQUÍADES, assim, renova em cores vivas os caminhos desses três potiguares. Nestas épocas de tanta descrença, de destruições e esquecimento dos homens e das coisas, o autor emerge para a perpetuação no tempo, a vida e a obra dos seus biografados e analisados. Para que as gerações novas conheçam a nossa grandeza literária, pois somente assim teremos a integração do tempo norte-rio-grandense, ligando o passado ao presente e abrindo perspectivas para o futuro sentimental da terra, mantendo o próprio espírito nacional e afetivo.

JOÃO FAUSTINO FERREIRA NETO

Secretário de Educação e Cultura

PÁGINA DE ESCLARECIMENTO.

Este livro resulta de trabalhos sobre três figuras representativas do nosso Estado. São três primícias da terra: Padre Francisco de Brito Guerra, nosso primeiro homem de letras; Dom Joaquim Antônio de Almeida, primeiro bispo do Rio G. do Norte; e Auta de Souza, primeira poetisa conhecida e acreditada nacionalmente. No centenário de Auta e no bicentenário de Brito Guerra, incumbiu-me a Academia de fazer um estudo sobre ambos. Já antes levantara a biografia do Padre Guerra e escrevera ligeiro escorço a respeito da poetisa do Horto. Humilde e modestamente proferi as duas palestras; e sem que isso vá aumentar ou diminuir o valor intelectual de cada um, tentei uma crítica literária da produção em prosa e verso. Quanto a Dom Joaquim Antônio de Almeida, conheci-o pessoalmente e com ele convivi os últimos anos de sua vida. Foi ele meu mecenas. Colocou-me no Seminário e, assim, abriu-me os caminhos de minha formação moral e minha educação literária. Fui eu o seu confidente e foi ele o meu confessor. Vivíamos em harmonia religiosa e em sintonia de almas. A ele devo tudo o que sou e lhe tenho respeitosa recordação irmanada ao imperioso dever de gratidão. Com o título de DUAS PALESTRAS, escrevi, a seu respeito, em 1948, um pequeno estudo e agora o incluo revisto e ampliado. Dei a este livro o título de CENTENÁRIOS por coincidência com as comemorações temporais das vidas aqui estudadas. Devo esta edição ao professor João Faustino Ferreira Neto, também por coincidência temporal, coincidência curiosa e digna de explicação. Na noite em que li a palestra no bicentenário de Brito Guerra, lá estava João Faustino. Ao deixarmos o recinto da Academia Norte-rio-grandense de Letras, convidei-o a imprimir os três trabalhos, reunindo-os num livro. O jovem Secretário de Educação e Cultura não exitou nem discutiu e resolutamente aceitou o desafio. Graças a esse gesto espontâneo e cordial, aí está o livro. Cremos, desse modo, ter prestado grande contribuição às letras norte-rio-grandenses, ele na sua grandeza e eu na minha humildade. Os antigos humanistas costumavam, ao terminar um livro, exclamar espiritualmente: **Laus Deo** — louvor seja dado a Deus. Era um reconhecimento ou agradecimento a um esforço ingente, um desperdício de inteligência e muita tinta derramada sobre laudas e laudas de papel. Mesmo que hoje, com a valiosa colaboração dos computadores, não se necessite mais de tal desperdício, ainda assim alguns calejam os dedos nas teclas das máquinas e estragam a vista na miopia progressiva. De

qualquer modo, só me resta imitar os antigos no final desse novo esforço e dessa modesta contribuição literária: **Laus Deo**. E muito obrigado a João Faustino pela sua publicação.

Natal — dezembro de 1977

O autor

Agradecimento.

Ao Exmo. Sr. Secretário de Educação e Cultura professor João Faustino Ferreira Neto que, possuido de admiração pelos valores da terra potiguar, autorizou a publicação deste livro.

* * * * *

Homenagem.

Dedico este livro ao meu filho pequeno Mário Cesar de Paraguassu Macedo.

* * * * *

Ao Ir.: e amigo Armando de Lima Fagundes, macaibense disciplinado e homem de grande valor moral, a minha admiração.

FRANCISCO DE BRITO GUERRA

(1777/1845)

Nascimento	18/04/1777
Ordenação Sacerdotal	1802
Primeira Missa	02/02/1802
Vigário Encomendado (Caicó)	1802
Oratio Academica e outros escritos	1808
Vigário Colado (Caicó)	1810
Visitador Apostólico (Pernambuco)	1815
Imprensa Natalense	1832
Deputado Imperial	1831/36
Fez Parte da Primeira Assembléia Legislativa	1831
Visitador Apostólico (R.G.N.)	1833
Senador Imperial	1836/45
Testamento	1844
Morte	26/02/1845
Exéquias Solenes (Caicó)	1847

NOTA: para complementar esses dados, veja o livro do mesmo autor: Padre Francisco de Brito Guerra, Um Senador do Império (1968).

PADRE FRANCISCO DE BRITO GUERRA, NOSSO PRIMEIRO BELETRISTA

O Rio Grande do Norte tem seus vultos sagrados e possui os seus heróis internos. Concentremo-nos, hoje, nas batinas gloriosas. Desde o primeiro vigário da freguesia de Natal, lá pelas calendas de 1601, Padre Gaspar Gonçalo da Rocha, até Mons. Walfredo Gurgel, os nossos sacerdotes, com raras exceções, foram sempre políticos e influentes e procuraram harmonizar os fiéis devotos aos correligionários votantes. Todavia, há episódios marcantes e incidentes lamentáveis como o trucidamento do Padre Ambrósio Francisco Dorneles Ferro, em Uruaçu, nos idos de 1645 ou o assassinato do Padre André de Soveral, em Cunhau, naquele mesmo ano, na hora em que celebrava missa votiva. Padre Feliciano José Dorneles participou da Revolução de 1817, ao lado do Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro.

Houve dois sacerdotes que tiveram o mesmo nome e mesmo assim não se conheceram: os irmãos Joaquim Francisco de Vasconcelos. O primeiro deles morreu na epidemia de 1856 pela qual a cidade dos Reis Magos quase desaparece no cólera-morbo. Nasceu, nesse mesmo ano, um outro mano seu, batizado com o mesmo nome; substituiu este o Vigário Bartolomeu quando Dom Vital o suspendeu de ordens no agravamento da Questão Religiosa. Padre Bartolomeu da Rocha Fagundes fora vigário da Matriz durante 34 anos e assumiu o governo da província em 1861. Padre José Hermindo da Silveira Borges militou ao lado de Joaquim Fagundes na Sociedade Miguelinho. E Joaquim Fagundes era filho do vigário Bartolomeu. Morreu envenenado com um chá de arruda. Embora Virgílio afirme que essa planta fosse boa para a vista e tenham as rutáceas sustentado a tradição da erva medicinal, sente-se, por aí, que não se adaptam bem ao estômago.

Padre Miguelinho é o nosso herói nacional e Padre João Maria, apóstolo dedicado e abnegado, morreu em odor de santidade. O primeiro Padre a assumir o governo da província foi Manoel Pinto de Castro, irmão do Padre Miguelinho, mais conhecido como Padre Pinto, nosso quarto presidente, segurando as rédeas do governo numa situação difícil e sob o protesto de muitos. Padre João Manoel de Carvalho, turbulento, impetuoso e iracível, representou a nossa Província no Parlamento Imperial. Celebrizou-se por várias facetas — pelas suas catilinárias, pelo seu jornalismo violente e pelo apelido de Padre Locomotiva, pois batizaram fumegantemente, com o seu nome, uma máquina de tração que arrastava os vagões na via férrea para Nova Cruz. Há passagens suas interessantes. Lá na Câmara de Deputados, na corte, ganhou fama por umas chibatadas que levou do seu colega oposicionista Francisco Belisário, resultando essa lição numa briga em que os dois se atracaram e rolaram escada abaixo aos trambolhões e muita tapa. Pe. Francisco Constâncio da Costa exibia sobre a batina as estrelas de oficial capelão do Exército Imperial. Com o advento da República perdeu a patente e o brilho das estrelas. Dom Joaquim Antônio de Almeida teve a honra de ser nosso primeiro bispo. Padre Bianor Aranha conservou-se grande orador sacro até a morte. No tempo do Senado Vitalício, Padre Francisco de Brito Guerra foi o único norte-rio-grandense indicado pelo Pe. Feijó para a Alta Câmara do Império. Poetas, prosadores e oradores sacros, a grande maioria dos nossos sacerdotes deixou seu exemplo e sua marca no curso desses 3 séculos. Mas, é o Padre Guerra que recordamos nesse dia. Francisco de Brito Guerra nasceu na Fazenda Jabotá no dia 18 de abril de 1777. Esta fazenda dividia a ribeira do Açu com a do Apodi, marco inicial donde media "21 léguas de costa, correndo para o norte até a Ponta do Mel, para leste até Aguamoré e para o sul até a fazenda Sonhoá e o riacho Garganta, do Padre Davi, onde ia confinar com a Paraíba e o Seridó". Padre Guerra era, pois, açuense. Hoje festejamos seu bicentenário. Como seu biógrafo, não perderei mais tempo em detalhes e basta que recordemos ter sido o fundador da imprensa natalense, o primeiro a proclamar a açudagem quando advertiu, no Senado Vitalício, gritando bem alto para que todos o escutassem: "no dia em que as águas do meu sertão não correrem mais para o mar, aí então teremos solucionado um grande problema". Padre Guerra é coestaduano de grandes méritos e deixou relevan-

tes serviços prestados à sua Província, ao seu rebanho e à sua comunidade. Gostaria de lembrar mais uma virtude sua que ainda não foi de todo explorado: o previlégio de ter sido nosso primeiro homem de letras. Insinuava eu em 1968, quando levantei sua biografia, que se alguém desejasse escrever a evolução da literatura norte-rio-grandense, haveria de começar irremediavelmente pelo Padre Francisco de Brito Guerra. Francisco é da primeira turma do Seminário de Olinda, inaugurado por Dom Azeredo Coutinho em 1800. Foi aluno do Padre Miguelinho e colega de Basílio Quaresma Torreão. Vivia-se da imagem da arcadia com a visão intelectual panteista, sem grande unidade de princípios, engastada no seu meio poético, com sensível inclinação laudatória. O arcadismo levou o panegírico ao exagero. Azeredo Coutinho gostava desse estilo. Costumava ele reunir, no seminário, professores e alunos para ouvir deles declamações retóricas e apologéticas. Logo no início de 1800 lá estava o prelado entre a festa árcade. É aí que aparece Brito Guerra entre os declamadores. Verboso, eloqüente, laudatário e talentoso, conhecia bem o estilo de Tertuliano e soube disso tirar grande proveito. Embora não tenha sido este pagão converso o principal responsável pela função da liturgia romana introduzida no cristianismo nascente, foi ele, sem dúvida, o primeiro a utilizar o idioma latino na literatura eclesiástica. Proporcionalmente, Brito Guerra está para as letras estaduais como Tertuliano está para o cristianismo. É a primeira semente a germinar em terreno propício. Seu estilo, como o do autor do **Apologeticum**, caracteriza-se pelo jogo das palavras, períodos clássicos, frases de efeito, sentenças sonantes com certo grau de obscuridade. Predominam as figuras de linguagem. É esta a nota dominante daquele grupo literário que se aninhava em torno do Bispo Coutinho, naquele ano de 1800. Brito Guerra colaborou nesse novo modelo de Academia dos Renascidos, tanto naquele ano, como no ano seguinte. Em 1808, porém, todos esses trabalhos foram reunidos num Florilégio e publicados em Lisboa, sob o título de **Gratidão Pernambucana**, homenagem ao idealizador do Seminário Olindense. Essa feliz iniciativa deve-se ao Padre Manoel Jácome de Menezes que na apresentação assim se expressou: "eu ajuntei nessa coleção(...) para dar uma pequena idéia dos talentos que abundam aquele país", isto é, Pernambuco. Poucos veriam esse livro depois da morte do Padre Guerra, ocorrida no dia 26 de fevereiro de 1845. O livrinho tem 207 páginas, reúne

22 colaboradores, entre eles padres, leigos e seminaristas. Prosa e poesia, discursos e poemas, numa disposição elogiosa de fazer gosto. Surge então cronologicamente o nosso primeiro beletrista: Francisco de Brito Guerra, porque até então nenhum norte-rio-grandense já publicara coisa alguma. Brito Guerra era grande humanista e consequentemente um latinista estilizado. Escreveu alguns versos, em latim, um discurso — Oratio Academica, igualmente no idioma de Cícero, e um outro discurso em vernáculo. Vejamos uma amostra do seu estro latino. Trata-se de um dístico em hexâmetro, um metro utilizado por Virgílio, com sua licença poética, cinco pés datílicos e um espondeu, também utilizado nas Elegias de Ovídio. Consta de um elogio a Dom José Azeredo Coutinho que acumulava as funções de prelado e a de governador da Capitania.

Eis o carmen:

"Tu clarus, rectus, sapiens, fidusque minister
Principis es, nostris tu medicina malis.
Tu petis atque tenes gratum de Principe donum,
Artibus ut conctis fiat Olinda potens,
Praesentem ante oculos te semper habebimus omnes,
Hoc erit aeternum nomem in orbe tuum.

A tradução que se segue, pedia-a ao prof. Waldson José Bastos Pinheiro. Waldson, além de grande humanista, prosador acurado, é também poeta inspirado. Houve certa dificuldade em adaptar o metro latino em vernáculo. Waldson Pinheiro verteu-o em alexandrino. Eis a tradução:

Ilustre, reto e sábio és tu representante
Do Príncipe fiel; remédio aos nossos males.
A graça do Regente alcanças e conservas.
Nas artes poderosa Olinda assim tornando.
Teremos sempre a ti presente aos nossos olhos
E o nome teu será em todo o mundo eterno.

Sente-se o tom laudatório, mas sente-se também a cadência do verso nessa arte difícil em que o próprio Ovídio chegou a dizer: Laudamus veteres, sed nostris utimur annis — louvamos os antigos, mas vivemos a vida de nossos tempos. A

essa forma lírica chamou-a **Carmen**; e escreveu dois desses carmes. No discurso em português, levou-se Brito Guerra pelo comportamento arcádico, panegírico fácil e apologia premeditada. Alude às inefáveis virtudes do seu Diocesano, dizse inicialmente distituído das belezas da eloqüência, humilha-se ao ponto de achar que "a natureza lhe foi tão mesquinha, negando-lhe toda a preciosidade de seus dons, tudo fazendo por obediência". Isso também fazia parte do estilo da época. Desenvolvendo a peça oratória, somente o Ordinário possuia qualidades positivas, pois "fora enviado pela Onipotência para salvar a Província Pernambucana".

Considera-o "um novo Moisés que veio libertar um povo de seu pesado jugo". Chega mesmo a afirmar que Dom Azeredo Coutinho "não é só bispo, é também general, pai, é um ministro a que é acometido a jurisdição civil, adornado de todo gênero de virtude". (a) E assim se esvai a sua eloquência. Nada de catilinária ou de verrina. Está muito longe o atrevimento do padre João Manuel que escrevendo no Correio Amparense, no interior de São Paulo, chamou os membros do governo provisório, na implantação da república, de "generais de bobagem", incluindo-se aí o civilista Rui Barbosa, que havia conquistado uma patente. Assim, pois, a colaboração literária reunida no Gratidão Pernambucana traz o gosto suave do panegírico. Convém explicar esse aparente exagero. O panegírico vem de longe, da antiga Grécia, com os oradores que se apresentavam nos festivais olímpicos. Inicialmente concitavam eles à unidade helênica, glorificando as cidades áticas. Daí nasceu o sabor encomiástico e a bela forma de adulação. Isócrates cantou, em discurso, as glórias de Atenas. Desgostoso com o domínio de Felipe pela vitória da Queronéia, fez greve de fome e morreu aos 98 anos, aliás a idade ideal para se fazer a apologia da inanição. Parente próximo do panegírico era o epitáfio, discurso encomiástico proferido nos funerais. Se o panegírico cantava e encantava o irrequieto vivente, o epitáfio decantava o inerme morto. Segundo Tucídides, Péricles firmou reputação nesse estilo fúnebre. Uma epidemia o levou ao túmulo e por isso mesmo foi bastante elogiado pelos seus

---

(a) Lá está em Tito Livio quando se referia a Numa Pompilio: "Incli-no-me a crer que a sua alma fala pela sua mesma índole adornada de virtude.

imitadores. Havia também o epitalâmio, o canto nupcial de que se utilizou o próprio Quintiliano. Nele exaltava-se a excelência da vida conjugal com a invocação de Himineu, o deus do casamento, entre os pagãos hereges. Eurípides usou do epitalâmio para elogiar Helena e Menelau. Em Roma, criou-se uma forma de elogio fácil — **Gratiarum Actio** — Ato de Ação de Graças, discurso de agradecimento dirigido ao benfeitor. Plínio, o moço, elogiou Trajano com um desses Atos quando aquele Imperador o fez cônsul. Bons e maus imperantes foram bem agraciados com esse ato de piedade pública. Num livro intitulado **Panegirici Latini** aparecem expressivas apologias a Maximiniano, **Constâncio**, Constantino, Juliano e Teodósio. Não consta que nenhum deles tenha desgostado da forma. Nos tempos modernos não devemos esquecer de Bossuet, Fléchier e Massilon, panegeristas famosos que triunfam eloquentemente no século de Luis XIV, enriquecendo cada vez mais a facúndia da literatura francesa. Veja-se essa passagem do Pe. João Pereira Rodrigues d'Alcântara, no Gratidão Pernambucana; então secretário do bispado: "muitos dos que frequentavam o Palácio de Sua Excia., assim eclesiásticos como seculares e que se inculcavam como amigos e aproximados eram infiéis e fingidos". Não admira-se, pois, que Dom José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho fosse tão afeiçoado ao penegírico. Conhecedor de tudo isso, aí está explicado o estilo de Francisco de Brito Guerra. Na Oratio Academica, porém, a forma apresenta-se bem mais sóbria. Trata-se de uma oração latina bastante meritória em todas as laudas. Seu propósito é defender o currículo acadêmico introduzido no Seminário de Olinda, enumerando as suas 15 matérias. Sobre todos elas discorre o seminarista com propriedade e interesse, demorando-se mais na defesa da gramática latina, chegando mesmo a argumentar que além das vantagens para compreensão do vernáculo e enriquecimento intelectual, para aumentar as riquezas do país e do império, "isso não seria possível absolutamente sem o conhecimento das línguas primitivas, máxime da língua latina". Padre Guerra, a esse tempo, podia não entender bem de finanças, mas conhecia profundamente a latinidade clássica. Vasado esse discurso na língua de Cícero, orienta-se todo ele pela retórica de Quintiliano. Sabe-se que esse protegido de Galba dava-se às declamações por força mesmo de sua atividade como professor de oratória. Formador dos oradores romanos do seu tempo, saídos de

sua escola. Domiciliano agraciou-o com as insígnas consulares e Vespasiano nomeou-o professor público. Chegou mesmo a reconhecer que "algumas vezes o interesse público exige que o orador defenda o que não é verdade". Quintiliano é bem o pai da retórica, o exemplo dos panegiristas cristãos. Padre Guerra não o ignorava. Chegou mesmo a citá-lo duas vezes como **mestre latino da eloquência.** Termina ele seu discurso, sob os aplausos de todos, fazendo um forte apelo ao prelado, nos seguintes termos: "Embora não possamos esculpir o vosso nome em lâmina de ouro, Exmo. Sr. Bispo vive para nós, ó Pai, que vivemos de vosso favor. Favorecei aqueles que vêm dos mais afastados fins do Mediterrâneo, que ouvindo o vosso nome, vieram para cá. Favorecei finalmente, a mim, que se disse mal ou me estendi mais prolixamente do que convém, fui modesto no falar. Verdadeiramente me aflijo e disso me arrependo. Se, porém, falei bem, o que certamente não ocorreu não somente tenho isto em grande conta, como também subitamente me alegro". Terminava. Destaca-se, nos discursos do Pe. Guerra, aquela humildade dominante em algumas Elegias de Ovídio; e também um pouco das desculpas de Horácio nas entrelinhas de seus **Sermones**. Isso era muito próprio do estilo latino. Tito Lívio, na introdução da História Romanas, chega mesmo a duvidar de seu sucesso. — "Nem sei bem, disse ele, se hei de fazer uma obra de utilidade; nem ainda se soubesse me atreveria a dizê-lo". As exaltações e endeusamento correm por conta mesmo dos escritos dos Apóstolos. Veja-se, nos Atos, o início do cap. 24, como o orador Tértulo se dirige ao governador Félix. O estilo de Brito Guerra ao saudar Azeredo Coutinho é conscientemente semelhante. Nesta data evocativa, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte se desincumbem de uma honrosa missão: comemorar condignamente o bicentenário de nascimento do primeiro homem de letras deste Estado, o primeiro a fazer literatura em Lisboa (e em latim — prosa e verso), também em vernáculo com as características locais e as peculiaridades do estilo dominante.

Concluamos com Ovídio, poeta de sua predileção: mos **tamen est aeque dignus uterque coli** — tanto os usos antigos como os modernos são igualmente dignos de respeito.

DOM JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA

(1868/1978)

Nascimento, em Goianinha	17/08/1868
Ingresso no Colégio Diocesano de Olinda	1885
Seminário Maior, em Fortaleza	1889
Primeira Tonsura	1891
Ordens Menores e Subdiaconato	1892
Diaconato	1893
Presbiterato	1894
Primeira Missa, em Goianinha	18/12/1894
Cônego Honorário	1896
Diretor Espiritual do Seminário da Paraíba	1897
Reitor do mesmo Seminário	1898
Governador do Bispado	1904
Monsenhor	1905
Sagrado Bispo para o Piauí	04/02/1906
Posse em Terezina	12/03/1906
Nomeado Bispo do Rio Grande do Norte	1911
Chegada a Natal e recebido com grande recepção	11/06/1911
Posse na nova Diocese, com solene Pontifical	15/06/1911
Resignatário	1915
Morte, em Macaíba	30/03/1947
Transportados seus restos mortais para a Catedral Metropolina de Natal ..... 09/02/1951 -	03/03/1951

DOM JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA

O Rio Grande do Norte é uma terra de poucos heróis, os mártires chegam a dois ou três. Dos que se foram e deixaram algo, raros são aqueles que merecem, hoje, a consolação de uma saudade. André de Albuquerque Maranhão é desconhecido pelas gerações novas. Padre Miguelinho, entre todos, é o mais cultuado. Venera-se João Maria, que não chegou a ser herói, nem se avizinhou do martírio, pelo seu apostolado, invocado como santo, graças a uma tradição católica de renovadas promessas. Mas, João Maria, em verdade, foi uma alma pura. Homem simples, caráter forte, alentado pela fé, purificado pela doçura evangélica, curado das vaidades terrenas, entregou-se à salvação das almas com mansidão de pastor e espírito de caridade. Dedicou-se, exalusivamente, a fazer o bem. Dificilmente se dirá o mesmo de Miguelinho. Andou certa vez, desentendendo-se com o seu Bispo e isso compromete o voto de obediência a que se obrigam os sacerdotes. Além do mais, iniciou-se na Maçonaria, uma *seita* antipatizada pelos dirigentes e participantes da Igreja. Mas, não devemos esquecer de que foi herói e mártir, não da religião, sim da pátria e da causa democrática. A simplicidade de João Maria o conserva vivo na memória do natalense. A coragem e a lealdade de Almeida Castro o elevam como exemplo de herói nacional. Cedo ainda a lenda associada à devoção e à piedade popular beatificou o Padre João Maria. Isso engrandece a sua memória e enche de respeito a sua veneranda figura. Esse piedoso culto transformou-o num santo. A imaginação apoucada das pessoas devotas e crentes tem um rico poder de maravilhar as almas extraordinárias. Não tardou muito que sua memória se enriquecesse das boas ações, praticadas em vida. A índole pacífica da gente simples ainda não se atrofiou no materialismo burguês dessas últimas duas décadas. O próprio Jesus encontrou melhor acolhida em Cafarnaum, à margem do lago azul de Genezaré, do que mesmo em sua terra natal. Aí assentou as basses de sua doutrina. Muito semelhante a João Maria foi Joaquim Antônio de Almeida, apesar de ter atingido o episcopado com as imposições do cargo e as pompas naturais que o cercam. Não veio a ser herói, mas sofreu o martírio de uma enfermidade longa, aborrecida e incurável; imolou-se a si mesmo, numa época em que a Igreja cuidava pouco dos seus padres doentes e imprestáveis.

NASCIMENTO E ESTUDOS

Joaquim de Almeida nasceu a 17 de agosto de 1868, na fazenda Barra de Pajuçara, município de Goianinha. Recebeu o sacramento do batismo na Capela do Comum a três léguas da fazenda dos seus pais, tendo sido oficiante o padre Manoel Ferreira Borges, oitavo vigário de Goianinha. Igualmente nascidos na mesma terra foram André de Albuquerque Maranhão, senhor de Cunhaú, Pe. Gerônimo da Cunha, Mons. Augusto Franklin, Dr. Carlos de Vasconcelos Monteiro e o latinista João Tibúrcio. Descende da família Melo Azevedo, da Paraíba, que por erro de prosódia, fundiu-se no vocábulo *Melo-azedo*. Foram seus pais José Antônio de Almeida e (1) Antônia Maria de Almeida. O casal teve 7 filhos. Em 1872 seus progenitores mudaram-se para o sítio "Bem-fica", nas proximidades da sede municipal. Ali o pequeno Joaquim iniciou os seus estudos de primeiras letras sob a orientação de professor particular, em sua própria residência. Nomeado regente da Escola pública o professor Antônio Corcino Lopes de Macêdo, com ele o pequeno Joaquim concluiu o curso primário. Aplicado e inteligente, correspondia à confiança do mestre, assimilando bem os seus ensinamentos. Naquela época, um filho padre era o maior desejo de uma família cristã e católica. Um sacerdote constituía um símbolo, enchendo o lar de justo orgulho. O jovem goianiense inclinava-se a satisfazer essa alegria. Para tanto contou com a boa vontade do pároco Idalino de Souza, que havia sido nomeado vigário em 1881, quando Joaquim Antônio contava 13 anos. Êste sacerdote iniciou o menino nos rudimentos de latim, que na época era sinal certo de vocação sacerdotal. Despertada essa vontade sublime, iniciaram-se os preparativos para ingressar no tradicional Seminário de Olinda. De "Bem-fica" para Pernambuco, a travessia era morosa e cheia de arrodeios. Ia-se a cavalo ou de barco. Ajudado pelo pai, o futuro seminarista cavalgou até a Barra de Cunhaú, onde diz A. Fagundes, tomou a barcaça *Flor do Norte*, que o transportou a Recife. De Recife a Olinda viajou de trem. Matriculou-se no Colégio Diocesano, anexo ao Seminário, em 1885. Iniciado no curso humanístico, tudo parecia bem, quando

(1) José Antônio de Almeida faleceu no sítio Bem-fica, em Goianinha, no dia 26.10.1895, com a idade de 60 anos — (Vê Diário de Natal 01.11.1895).

1911

súbito é acometido de beri-beri, obrigando-se a deixar Olinda a conselho médico. Voltou a "Bem-fica", onde se refez. Recuperado, viaja, em 1889 para Fortaleza, em cujo Seminário Maior se matricula. Não houve maiores obstáculos. O tempo e os estudos o levaram a abrir sua primeira tonsura em 1891; recebeu ordens menores e o subdiaconato no ano seguinte. Diácono em seguida, presbítero aos 25 anos, em 2 de dezembro de 1894. Já a esta altura é grande o contentamento dos pais. Volta a Goianinha, onde seus familiares, com lágrimas de satisfação, estreitam-no em seus braços. Era vigário da freguesia o pe. Manoel Pereira de Albuquerque. O rio Jacu e a lagoa das Guaraíras, limitando as fronteiras do município, pareciam inspirar aos paroquianos a exclamar como aquele passageiro da antiga Great Western, o qual, ao se aproximar o combóio por entre as casinhas brancas, exclamou entusiasmado: "Goianinha! Pátria de anjos". Aconteceu a este romântico sonhador, o que sucedeu a um monge, quando viu, em Roma, em 587, jovens ingleses serem vendidos como escravos. Argumentou: quem são? Responderam: anglos. — Não são anglos, contestou, *são anjos*. Mas, os anjos de cá, vistos pelo passageiro da central, eram as moças bonitas, que sua imaginação cobiçava. Seja como fôr, o dia 18 de dezembro de 1894, data da primeira missa do néo-sacerdote, foi angelical. Pregou ao Evangelho o Pe. Valdivino Nogueira, convidado especial. Ainda bem não firma os pés na terra querida, Pe. Joaquim Almeida recebe um convite do bispo da Paraíba dom Adauto de Miranda Henriques, para servir naquela Diocese. Pe. Joaquim acata o chamado, Dom Adauto o nomeia professor do recém inaugurado seminário. O magistério se reparte com o ministério. À falta de professores devidamente habilitados para tão sagrado mistér. Pe. Joaquim é obrigado a reger as cadeiras de Geografia, Francês, Escritura e Liturgia; Eloquência Sagrada, Teologia Moral e Cantochão. Entendido em música, Pe. Joaquim dedicou-se ao violino. Ainda lhe vi o último estradivário. Êle já velho, cego e alquebrado; o violino gasto, velho e quebrado. As virtudes, a dedicação e o zelo pela causa esposada lhe valeram o título de cônego honorário em 1896. O trabalho não parou aí. Muito havia ainda de ser feito pela Diocese da Paraíba e pela educação religiosa. Diretor Espiritual e Reitor do Seminário, entregou-se o Con. Joaquim Almeida aos deveres exclusivos do magistério, funções exercidas com energia, disposição, bondade e disciplina. De 1904 a 1905, encorajado

pelo ideal sacerdotal, embrenhou-se pelos sertões do RGN e Paraíba, levantando óbulos em benefício do Seminário Diocesano. Monsenhor em 1905, em seguida é chamado ao episcopado, pois o bispado do Piauí havia se desmembrado da diocese do Maranhão. Nomeado em janeiro de 1906, sagrado a 4 de fevereiro seguinte, toma posse em Terezina a 12 de março de 1906 entre ruidosas manifestações de carinho e fraternidade. Não foi dos mais fáceis o seu trabalho episcopal na nova diocese, pois a imensa circunscrição eclesiástica contava apenas com dez padres. No entanto, iniciou o munus sem vacilações. Empreendeu visitas pastorais pelos sertões, viajando ora a cavalo, ora em pequenos barcos, dependendo da região visitada. Às vezes, diz ainda A. Fagundes, o percurso durava 400 léguas de ida e volta. Ali se gastaram 5 anos até que, de acordo com as Letras Apostólicas a Diocese do Rio Grande do Norte se desmembra da sua sufragânea e nosso coestaduano, insígne príncipe da Igreja, é destinado para assumir o sólio episcopal.

DOM JOAQUIM NO RIO GRANDE DO NORTE. NATAL EM 1911.

A cidade ainda era escura, as ruas tristes, os bairros distanciados. Os cristãos conservavam bem viva, na mente, a presença de João Maria, desaparecido em 1905. A cidade era um sítio pacato, ordeiro, acolhedor. Desconhecia-se a febre ardente que agita o habitante de hoje, correndo ao trabalho desordenadamente, sempre preocupado com a instalação desse ou daquele banco, inquieto, suado e maldizente. Inconformado mesmo. Premido pela angustiante situação social, o custo de vida lhe rouba as energias físicas e lhes furta as reservas morais, concorrendo, às vezes, para o desespero. Até as árvores, que projetavam sombra ao esquentar do sol, vão rareando, graças, dizem, ao progresso urbano. Êstes e outros problemas afetam as atividades do natalense hodierno. O automóvel da paróquia já preocupa o vigário com os débitos bancários. Natal em 1911 era um tanto diferente. Aquele ano começara pressagioso. A Capela dos Reis Magos, inaugurada a 27.11.1910, ficava na praia da Limpa, à beira mar, bem perto do Forte. Uma nota do Diário de Natal chama-a "Capela Nova". Sua visita fazia-se a longo curso. As peregrinações religiosas eram feitas de botes, outras vezes precipitavam-se pelos morros da monta-

gem, numa longa caminhada entre areia, lomba-verde e muitos cardos. Em certas ocasiões, boêmios reuniam-se aos romeiros, comprometendo o sentimento religioso e tornando a jornada pouco cristã. Essa interferência órfica acarretava sempre incômodos, quando a competição individa se verificava nos pequenos barcos: os devotos dos Magos do Oriente extasiados pela fé; os seguidores de Baco, inebriados pela pinga, apesar de haver, então, excelente remédio para "embriaguês habitual". Os botes que faziam a percurso do cais Tavares de Lira à praia da Limpa chamavam-se "escaleres". Na noite de 6 para 7 de janeiro o escaler Porto Alegre, pertencente ao Alferes Augusto Lebre, pilotado por Emídio Alexandre da Silva, repleto de fiéis devotos e boêmios itinerantes, que tinham ido aos festejos religiosos dos três Reis Magos, virou à altura das "Coroas das Velhas", afogando-se várias pessoas entre adultos e crianças. O triste acontecimento abalou a família natalense. No dia 22 de abril morria o filho de Pedro Velho e a 7 de maio baixava à tumba Gotardo Neto. Um periódico (DN) noticiando o infausto assim se expressava: "... o pai de Gotardo Neto, prof. José Emerenciano, como todos sabem, pertence a esta classe estacionária e abandonada a que a ingratidão dos novos a chama ironicamente de velhos professores"... Mas, por trás desses sombrios fatos surgia vasta tintura cômica nos anúncios comerciais. Um elixir de longa vida, chamado "remédio vegetariano", do dr. Orhaman, havia curado um tal "**Emílio Bouse**, sapateiro, 35 anos, magro, 59 quilos, costas abauladas; hemopitises, tuberculose desenganada." Estava gordo, forte, corado e saltitante. De janeiro a junho, o DN usava na propaganda de Emulsão de Ecott, ora o retrato de um bispo da Guatemala, ora o de uma senhorita do Rio G. do Sul, em divertidas explicações. O prelado guatemalteco, revestido de suas vestes episcopais, exibindo enorme cruz, competia com o pescador dinamarquês, pendurando ao ombro, caindo às costas, o prodigioso bacalhau. Uma nota do secretário do bispado deixava mais engraçada a situação. Afirmava: "Sua Excia. Revma. experimentou salutares efeitos ao ingerir o milagroso óleo de fígado de bacalhau, pelo que, dr. dom Ricardo Casanova Y Estrada bendiz os nomes dos inventores de Emulsão de Scott". Da gaúcha tomaram a iniciativa os abençoados inventores. Propagavam: "A bela senhorita Sara Silva, filha do tesoureiro municipal de Bagé, antes fraca e anêmica, agora robusta e formosa, hoje reconhecida pela sua beleza e formusura, graças, é claro, a Emulsão de Scott". E

se via o retrato da moça, de rosto inchado e muito desconsolada. A Casa Londres vendia "guarda-chuva para senhora de sêda inglesa", enquanto a Loja Bom Jesus oferecia "guarda-sol para homens e crianças". Assim andavam as coisas nas folhas e nas ruas, nos lares e nos bares naquele ano da graça de 1911, nesta Cidade Presépio. Dom Joaquim, embora distante, dirigindo o rebanho piauiense, não ficou alheio a estas surpresas. Já se falava na criação da Diocese. A República de 1º de fev. imprimiu a primeira notícia com a transcrição de um telegrama de uma congregação religiosa ao seu pastor. No dia 6 seguinte, Dom Adauto, bispo da Paraíba, ainda com jurisdição eclesiástica em nosso Estado, divulgava oficialmente o desmembramento da Diocese pela bula "Apostolicum in Singulis" de Pio X, criando a Cátedra Episcopal. Com o enunciado, escrevia dom Adauto uma pastoral despedindo-se dos natalenses. Daquele dia em diante, comemeçaram os preparativos para a posse. Uma comissão de 37 membros, organizada entre médicos, bacharéis, militares, professores, eclesiásticos e leigos, tendo como presidente de honra o governador Alberto Maranhão, tratou de delinear os planos para as futuras solenidades de recepção ao primeiro antístete. Esta comissão reuniu-se, pela primeira vez, no dia 15 de março, domingo, às 13 horas, no Consistório da Sé. Não compareceu o governador. A reunião foi aberta pelo Con. João Evangelista de Castro, vigário da freguesia, que passou a presidência ao dr. Domingos Carneiro. Decidiu-se a divisão em pequenos grupos de trabalho. Natal possuia 4 bairros principais: Cidade Alta, Cidade Nova, Alecrim e Ribeira. Os grupos, subdivididos, foram distribuídos nestes bairros. Devido às obras da reforma da Sé, os atos religiosos passaram a ser oficiados na Igreja Santo Antônio, por ordem do vigário Castro. Na primeira prestação de contas, já a comissão encarregada da Ribeira apresentava um saldo de.... 4.808$000. No dia 19 de março, a Grande Comissão reuniu-se pela 2ª vez. às 14 horas, na residência do cel. Aureliano de Medeiros, na Av. Junqueira Aires. Nesta ocasião se fez leitura de uma ata e se procedeu a prestação de contas — haviam sido arrecadados mais de 7 contos de reis (Rep. 20.3.11). Terminada a reunião, o cel. Medeiros ofereceu aos presentes "uma mesa de doces e finos licores". Não faltaram discursos. No dia 27 de março, o gov. Alberto Maranhão comemorava o terceiro aniversário do seu governo. Nesse dia o bonde chegou ao Alecrim, levando o governador e seus

secretários. A Rep. do dia 20 daquele mês noticiava que dom Joaquim sairia de Terezina, rumando para o Maranhão, no próximo dia 31. Ali tomaria um "vapor" com destino a Natal. A comissão central reuniu-se pela 3ª vez, em casa do cel. Francisco Cascudo, pai de Cascudinho, que morava na Praça Leão XIII, (1) na Ribeira. Essa reunião, que se iniciou às 14 hs., foi presidida por Alberto Maranhão e secretariada por Moisés Soares. Decidiu-se organizar uma flotilha de escalares para comboiar o "paquete" à entrada da barra, e que as ruas por onde passaria o préstito fossem condignamente ornamentadas. Falou-se numa lancha especial para a Grande Comissão e se discutiram as bases de um banquete. Escreve um comentarista, "o cel. Francisco Cascudo ofereceu à Comissão um opíparo jantar, sendo todos gentilmente sido obsequiados por madame Francisco Cascudo" (Rep. 26.5. 1911). A 7 de maio, o poeta Gotardo Neto, um dos colaboradores da festa, viajara para o além. Um outro telegrama de Terezina informava que o nosso bispo seguiria para Caxias, no Estado do Maranhão. No dia 1° de junho o ilustre conterrâneo deixava a diocese do Piauí. Três navios lotados, "lanchas-automóveis" e escaleres repletos de fiéis e infiéis, além do governador e secretários, acompanharam dom Joaquim pelo rio Parnaíba até a vila de Flores, onde se fizeram as últimas despedidas. Cá, a movimentação era igualmente febril. Os organizadores das festividades, encarregados da recepção, reuniram-se no consistório da Sé para ultimarem as medidas. Discutiram providências para o brilhantismo da chegada. No dia 9 de junho, Alberto Maranhão recebia de Dom Joaquim o seguinte telegrama: Maranhão — 8. "Sigo vapor Manaus. Saudações. Bispo Natal". Nesse mesmo dia o cônego João de Castro, pelas colunas de A República, dirige convite às autoridades e ao povo para receberem condignamente o primeiro Bispo do Rio Grande do Norte. Aproximou-se o grande dia 11 de junho de 1911. Natal amanheceu em alvoroço. Do cais Tavares de Lira à Catedral, por onde havia de passar o primeiro bispo, as ruas estavam todas embandeiradas. A movimentação era inquietante. O povo vibrava de alegria e entusiasmo. Pouca gente tinha visto um bispo. A curiosidade era maior do que a ansiedade. O dia vai se passando naquele cli-

(1) Hoje Praça José da Penha, na Ribeira, em frente à Igreja Bom Jesus.

ma de inquietação. O navio que transportava o prelado — O Manaus — aproximou-se da barra às 17 hs. Os sinos repicaram. Natal inteiro fervilhava pelas ruas e grande multidão se comprimiu nas imediações do cais. Diz a República desse dia, com espantosa admiração: "Parecíamos estar em uma grande cidade populosa e agitada". Levas e levas de curiosos se atropelavam uns aos outros nas partes principais da cidade. Estabeleceu-se séria confusão nas imediações do desembarque. O embarque nos escaleres ocorreu em conturbada desordem. Todos queriam tomar o barco ao mesmo tempo. Justifica-se aí o desejo de ver o enviado da Santa Sé. Houve atropelos e descontentamento. Às 18 horas, o navio, devidamente embandeirado, aproximou-se do cais acompanhado de "4 lanchas e 30 escaleres". Nessas lanchas vinham os convidados de honra. Da capela da Limpa, Reis Magos, descarregaram-se girândolas de fogo. Um navio de nome "Progresso" respondeu as salvas. Graças a Deus e graças a N. S. da Apresentação, padroeira de Natal, não aconteceu a Dom Joaquim o que aconteceu ao Bispo de Tocantins. Esse edificante exemplo vem no III livro de Críticas de João Ribeiro e aqui não fujo a tentação de repoduzi-lo. Ei-lo na íntegra. Conta o filólogo sergipano que "chegando aquele prelado a Belém a bordo de um "Gaiola", a fortaleza deu dezessete tiros. O bispo, porém, reclamou que lhe competiam dezoito. Foi preciso então consultar os textos, as autoridades, os cânomes e as de "utroque jure". Moveram-se os ministros, e as secretarias respectivas fermentaram e exsudaram informes, pareceres e arrazoados de legislação nacional e comparada. Levantou-se um cadastro, no Ministério de Estrangeiros chamado a esse ponto, dos dignitários de Buda, Confúcio e Jesus Cristo, catalogados nas suas equivalências hierárquicas, propocionalmente aos tiros de pólvora seca. Esse trabalho enorme resultou inútil; e, como sucede nas falências do internacionalismo e da diplomacia, falou a boca do canhão. Era a vez da artilharia. O ministro da Gurra foi quem resolveu o caso com estrondoso parecer "salomônico e matemático", declarando que ao bispo cabiam dezoito tiros (como queria o santo e reverento prelado), mas dezessete dos tiros disparados com canhões de quinze e o último dado com canhão de sete e meio. Assim, na realidade, disparavam-se dezoito tiros, como queria a Igreja, ou seja dezessete e meio como queria o Estado. Solução feliz e inspirada na política de rachar ao meio, do doutor Venceslau". Até aqui o jocoso

(o) GUERRA

relato de João Ribeiro. Essa carga de artilharia só serve para assustar os desavisados ou confundir os homenageados nesse estentório protocolo. Tudo não passa de ostentação de fogo que vomita o canhão e o dragão e cujo responsável direto ainda são os chineses. Voltemos às salvas de cá, (e da boca da barra) que explodem no melhor estilo ocidental e católico na convicção de quanto significa a pólvora seca para honras cristães. Deixemos esquecidos e perdidos no tempo os mandarins asiáticos de barbas longas e ralas que cofiam, no recolhemento do pagode, os mistérios de Buda. No fragor da vitória e no ardor da fé, entre Confúcio e Jesus Cristo, vamos ao encontro do nosso primeiro bispo, entusiasticamente aclamado pela pólvora seca. Fogos de morteiros irromperam de dois ou três barcos de uma companhia de pesca. Numa lancha especial tocava a banda de música do **Tiro Natalense**. A lancha Osvaldo Cruz, aproximou-se do Manaus e atracou a seu bordo. Desceu-se uma escada e por ela subiu o governador do Estado, acompanhado pelas autoridades mais representativas. Foram estes os primeiros a dar as boas vindas ao primeiro bispo. Navio nenhum atracava no cais. Daí a dificuldade do embarque e desembarque. Dom Joaquim tomou a mesma lancha que o trouxe ao T. de Lira, onde, diz a Rep. "o aguardava 10 mil expectadores". O Diário de Natal foi mais sóbrio na informação. Dizia simplesmente: "houve um préstito de 6 a 7 mil pessoas". O bispo desembarcou ao som da banda de música do Batalhão de Segurança. Daí, acompanhado de grande número de populares, seguiu Dom Joaquim para a Igreja Bom Jesus. A rua estava devidamente embandeirada. Um coral de moças cantava um hino, que a Comissão de Recepção havia encomendado a Gotardo Neto. Foi essa a última contribuição poética do vate misantropo. Uma nota desejeitada do DN sobre a saída da igreja Bom Jesus, noticiava no estilo da época: "Do cais Augusto Lira seguiu Dom Joaquim para a Igreja Bom Jesus, onde ao chegar foi cantado pelas meninas do catecismo e as senhoras do coração eucarístico um hino composto para este fim por Gotardo Neto". Este mesmo jornal, em sua edição de 10/6, noticiava o recebimento de duas cartas pastorais de D. Joaquim — uma de despedida aos piauienses, outra de sau-

(1) Esta Carta Pastoral foi doada por mim ao Museu da Fundação José Augusto.

dação aos natalenses. (1) Lembro-me que Sófocles cantava, num coro de crianças, ditírambos aos deuses, em ação de graça pela vitória de Salamina. Na estrada das Trípodes dominavam as praças expressivas inscrições e a rua da Academia ostentava belas máximas. Comemoravam-se os fulgores de Atenas, no auge de suas tradições. Celebrava-se, aqui, a deificação de Natal, ainda um tanto vasia. Bela apoteose dispensada ao antístite natalense, eloquente testemunho dos habitantes da terra, arrojo monumental, num Estado desprovido de monumentos. Não se ouvira falar ainda nos cisnes de Caistro, mas algumas pessoas conservavam a fraca memória dos xexéus de Mangabeira. A cidade, parcimoniosa de tradições, empobrecida pela ausência de literatura gnômica, enriquecia-se, contudo, de valores humanos, pródigos pela sua generosidade, transmitidos nas expressões mais autênticas. Em nada desmerecia a cidade dos Magos, sacudida pelo entusiasmo crescente ou mergulhada no êxtase contagiante. O ar se enchia de cantos e hinos entoados ao Criador por um bando de criaturas pias. Dom Joaquim saía da igreja solenemente paramentado. Os mais entusiasmados jogavam flores. O préstito encaminhou-se para a Catedral. A Chegada à Sé, novamente entoaram o hino de Gotardo Neto. Seguiu-se o "Ecce Sacerdos Magnus". Do púlpito saudou o novo hispo o con. João de Castro, vigário da freguesia. Ouviu-se o *Te-Deum*, acompanhado pela orquestra do Club Carlos Gomes. Terminadas as solenidades, o governador da diocese dirigiu-se ao Paço Episcopal. Na cerimônia da Catedral não se leram as bulas, devido o adiantado da hora. A rua do palácio episcopal chamava-se Cel. Bonifácio. D. Joaquim estava eufórico, não demonstrava cansaço, era o governador espiritual do RN, dominava sua diocese mais ainda não tomara posse. A posse seria no dia seguinte. Naquela noite ainda havia um cerimonial a cumprir e D. Joaquim dispunha-se a cumpri-lo. Assim é que, às 21 horas, no "salão róseo do Palácio" do governo, Alberto Maranhão, oferecia um banquete ao novo bispo. Esse banquete não correu às expensas do erário público. Parte do dinheiro angariado pela comissão a ele se destinou. A mesa foi colocada em forma de U. Dom Joaquim tomou assento ladeado por Mons. Alfredo Pegado e o representante do bispo da Paraíba, Mons. Manuel Paiva. Compareceram os secretários de Estado e todas as autoridades constituídas. O número de convidades

subiu a 74. Havia na época um juíz federal, dr. Celestino Wanderley, que comeu e bebeu religiosamente. Entre os 74 destacavam-se 28 militares, 15 advogados, 3 médicos, 14 padres, 4 seminaristas, 2 diáconos e um subdiácono — Ulisses Maranhão. O seminarista Francisco Carneiro representou o Seminário de Olinda. Entre muitos destacavam-se: Nestor Lima, diretor da Escola Normal; Manoel Dantas, em nome do Instituto Histórico; José Augusto, diretor do Atheneu. Terminado o banquete, Alberto Maranhão levantou o brinde de honra numa expressiva peça oratória, terminando com estas palavras: "bebamos pela felicidade pessoal de Vossa Excia. e pela glória crescente da nova diocese". A preçe espumante não ajudou muito, pois as reservas físicas do novo bispo entrariam em declínio três anos mais tarde, para nunca mais recuperá-las integralmente. O Con. João de Castro saudou o bispo em nome do clero. Pela imprensa discursou Moisés Soares. Falou-se muito na saúde do bispo, com invocações e preces, mas isso não impediu que uma doença grave viesse obrigá-lo a resignar a diocese. Terminado o banquete, D. Joaquim recolheu-se extenuado. No dia 15, pela manhã cedo, com solenidade pontificial, procedeu-se a cerimônia de posse. Mons. Pegado fez a leitura das bulas, de acordo com as Letras Apostólicas. Assinaram o termo de posse, além do bispo, o cap. Joaquim Anselmo, representando o governador, dr. Domingos Carneiro, chefe de polícia e outras pessoas de destaque. Chovia. E a chuva interrompeu a procissão, segundo o DN do dia 17. Desse modo empossara-se o primeiro bispo na Diocese do Rio Grande do Norte. Dom Joaquim começava seu pastoreio, que durou 4 anos, quando foi acometido de congestão. No dia 20 daquele mês de junho, o Diocesano dirigia, pela imprensa, o seguinte agradecimento: "Impossibilitado de agradecer individualmente a todos os que compareceram a nossa recepção e posse solene, vimos do alto da imprensa testemunhar, como nosso primeiro ato, profundo reconhecimento aos nossos caros diocesanos em geral e, em particular, aos seus principais representantes". Esta nota era longa e nominal. Neste mesmo dia chegou à residência do governador, à "Vila

(1) Vila Cincinato, depois Vila Potiguar, foi construída, no Tirol, por iniciativa de Ferreira Chaves. Ficava em frente à Praça Pedro Velho, hoje Praça Cívica. Destinava-se à resdidência dos governadores.

Cincinati", (1) para lhe retribuir uma "visita de cortesia".

BISPO RESIGNATÁRIO

Joaquim Antônio de Almeida ordenou-se aos 25 anos. Sagrou-se hispo aos 38, em 1906, um ano após a morte do Pe. João Maria. Ocupou o sólio episcopal até 1915, ano em que uma moléstia insidiosa obrigou-o a resignar o bispado do RN, passando, daí por diante, a bispo titular de Lari. Viajou ao Rio onde aparentemente se refez. Resignatário, entregou-se à vida de missionário. Enquanto lhe resistiram as forças, predicou o Evangelho nos sertões de Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Orador fluente, verbo fácil, palavra convincente, o bispo missionário converteu muitos indiferentes, atraindo muitas almas, que se incorporaram ao rebanho de Cristo. Dessas pregações e "desobrigas" tinha recordações carinhosas e lhe aconteceram episódios cômicos. Costumava me contar passagens anedóticas, que nos seus 60 anos lhe refrescavam a mente. De uma feita, contou-me ele. num oratório de uma dada freguesia, trouxeram-lhe um menino para batizar.

— Qual o nome da criança, pergunta paternalmente.

— Não tem nome ainda, responde o pai, desajeitadamente.

— E que nome queres que lhe dê, interroga o bispo.

— Não sei não senhor, resmunga o genitor, mas gostaria um nome que enchesse a boca. Assim, assim... como... AMANCEBADO.

E eu, me dizia dom Joaquim, tive que achar graça da ingenuidade alheia. De outra feita, surpreeendeu-se com uma novena no interior, onde os rústicos aldeões cantavam a ladaínha em latim. E que latim, exclamava!

— Imagine você, José, que entre outras preciosidades, ouvia-se isso: **"cristé in mim, cristé nos ome"**. Velho, alquebrado, cansado pelas viagens apostólicas, refugiou-se em Bom Conselho, em 1935, onde se demorou 9 anos. Barbas longas e brancas, aspecto místico e missiânico, terminou os seus dias de vida, em Macaíba, entre uma rede e uma cadei-

(1) Este modesto barrote e também o violino me foram devolvidos por d. Nazinha de Sá Leitão, mãe do Dr. José Waldenício. Incorporei-os ao patrimônio do Instituto Histórico.

ra velha. Nessa cadeira havia uma pequena gaveta onde tateava o cigarro, o palito e o fósforo. Nela passava horas e horas, vestido num chambre, com um barrete purpúreo na cabeça(1), tecida à mão pelos seus parentes. Ali também expirou tranquilamente. Essa cadeira encontra-se, hoje, no Museu de História da Fundação José Augusto, doada por dona Cecília Almeida, sua sobrinha. Enquanto viveu, manteve certa mania pela terapêutica caseira, distribuindo garrafadas medicinais por ele mesmo preparadas. Praticava a medicina à maneira de Hipócrates. Recomendava esse esculápio que os médicos fossem castos, amáveis, discretos; que a receita e o medicamento fossem fornecidos gratuitamente aos pobres; e que as coisas humanas estão na mão da Divindade. Estas garrafadas ajudavam muito aos doentes supersticiosos. Muitos deles voltavam sãos e pediam mais. Por esta razão, não faltou alma piedosa para incluir o bispo amigo e solícito no catálogo dos taumaturgos. Conheci D. Joaquim em dezembro de 1945. Morava eu em Macaíba, em casa de sua irmã, Ana de Almeida Macêdo, minha tia afim. Era uma tarde quente de verão, lembro-me bem. Aconmpanhado de alguns familiares, entre os quais Antônio e Cecília de Almeida Macêdo, ambos irmãos e ainda vivos, chegava aquele velhinho respeitável, grisalho, hemiplégico, cego, movendo-se pelos braços alheios, mas de uma lucidez invejável. Trazia na alma a plenitude do sacerdócio; no corpo, o peso dos achaques, vergastando o septuagenário. No espírito confiante, vergavam-se os 50 anos de sacerdócio. Vieara comemorar o jubileu de presbiterato. No dia 17 de dezembro daquele ano, rumava para Goianinha, onde no dia seguinte, celebrava suas bodas de ouro sacerdotais, na mesma capela onde cantara a primeira missa. Não o acompanhei na jornada. Retornando a Macaíba, quis o Senhor que ficássemos abrigados no mesmo teto. Aproximei-me dele. Tornei-me seu confidente. Aproveitou-se dos meus olhos para lhe fazer algumas leituras cotidianas. Até então o meu conhecimento de religião era como hoje o de chinês — zero. Com um pouco de esforço lhe fazia leituras em latim e em francês. Decorei o latinório da missa e passei a ser o seu acólito. Tinha uma mania incontrolável para toda sorte de remédio. Mesmo se movendo pelos braços de terceiros, tomava um banho quente pela manhã em cuja água adicionava sais minerais, temperada com diversos condimentos e certas tinturas de cascas e raízes, unguentos e aromas. Esse banho durava uma hora, após

o qual, amparado sobre meu ombro ou sobre o ombro de outro qualquer samaritano, dirigia-se a uma capelinha, onde celebrava, de memória, uma missa votiva a N. Senhora. De volta, servia-se de uma refeição leve. O resto do dia passava, ora deitado, ora sentado. As poucas horas de ocupação de que dispunha, ditava os ingredientes das garrafadas, que havia de repartir com encharcados e queixosos. Aos domingos, uma sauna, numa estufa, por ele próprio idealizada. Manteve-se sempre corado, lúcido e lépido, apesar da hemiplegia que o impossibilitava os movimentos físicos. Sua fisionomia terna e monástica, sua atitude firme e convicta eram o bastante para confortar a todos. As barbas brancas e a alma cândida, os trajes talares e o crânio bem conformado, imprimiam a idéia pura de um galileu da família de Jesus. Viveu os seus últimos dias quase de esmola. De longe vinham os humildes lhe pedir bênçãos. Muitos eram os padres e prelados que o visitavam, deixando para o bispo resignatário um pouco de sua bolsa. Dessa minguada contribuição ainda repartia com os pedintes, de acordo com o conselho de Tobias ao seu filho: "Se tiveres muito, dá muito; se tiveres pouco, procuras dar de boamente também este pouco".

EPÍLOGO

Na Paraíba, Dom Joaquim Antônio de Almeida, além das funções e atribuições já referidas, foi ainda Consultor Diocesano e Vigário Geral da Diocese. Sua sagração episcopal realizou-se na Catedral de Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, naquele dia 4 de fevereiro de 1906 e teve como sagrante Dom Júlio Tontti, então Núncio Apostólico, que trouxe da Santa Sé duas importantes missões: sagrar o primeiro Bispo para o Piauí e visitar as províncias eclesiásticas do Norte e Nordeste. Foram ainda seus consagrantes Dom Adauto de Miranda Henriques, amigo do até então Mons. Joaquim de Almeida e a quem este servira com lealdade e ilimitado devotamento; e Dom Luiz Raimundo de Brito, então Bispo de Olinda. Em Piauí exerceu o Antístete um apostolado fecundo e operoso, embora arrostando com as dificuldades naturais na fase de organização da nova Diocese. Fundou o Seminário onde germinariam as sementes das vocações, nomeando seu Reitor o coestaduano Pe. Bianor Emílio Aranha que o acompanhara para servi-lo na primeira experiência evangelizadora. À frente do seu rebanho, entre outros empreendimentos, tratou de criar um jornal para defender a doutrina cristã. Transferindo-se para a nova Diocese, criada por PIO X, no seu Estado natal, aqui empossou-se possuído do mesmo ideal e do mesmo entusiasmo evangélico. Reto como um juíz, forte como um apóstolo, governou a Província Eclesiástica de 15 de junho de 1911 a 15 de junho de 1915, quando uma congestão cerebral lhe furtou as forças e lhe arruinou a saúde. Aparentemente recuperado no Rio de Janeiro, voltou a Paraíba, como bispo resignatário de Lari, diocese imaginária, segundo a tradição da Igreja, um comportamento reservado para tais renúncias. De volta a Paraíba como bispo resignatário, animou-se para ajudar o trabalho de Dom Adauto, seu velho amigo de tempos idos. Falecendo aquele Arcebispo, Dom Joaquim recolheu-se a Bom Conselho, em Pernambuco, onde serviu de orientador espiritual, assistindo às Irmães Franciscanas em cujo convento residiu e do qual se fez capelão. Em dezembro de 1944 decidiu celebrar as suas bodas de ouro sacerdotais. A viajem de Bom Conselho a Goianinha foi longa e penosa. As estradas carroçáveis abriam-se esburacadas e cheias de depressões, trechos desagradáveis e muita poeira. Dom Joaquim atravessou os três estados na boléia de um caminhão velho. Chegou a Macaíba, onde re-

pousou uma semana. Finalmente, na tarde do dia 17 de dezembro daquele ano, seguiu para sua terra natal, para a tocante cerimônia. Rodeado pelos seus familiares, acompanhou-o nessa jornada, o Mons. Paulo Heróncio de Melo, um dos seus fiéis amigos. A missa do seu cinquentenário de presbiterato celebrou-a na Matriz de Goianinha cujo vigário era o jovem Nazareno Fernandes. Usou os mesmos paramentos da primeira missa que cantara há 50 anos, naquele mesmo santuário. Pode avaliar-se o colorido das emoções. Voltando a Macaíba, ali resistiu heroicamente, entre a hemeplegia e a cegueira, os seus últimos 3 anos de vida, até que naquele fatídico 30 de março de 1947, Deus o chamou ao seu convívio, libertando-o de tantos sofrimentos resignadamente aceitos. E não houve momento mais oportuno para que o justo entregasse a alma a seu Criador, especialmente aquele que vivera do Evangelho, pois celebrava-se a Semana Santa. O Pai cortava o fio de vida sob o impulso das palavras do Seu próprio Filho: "todos os cabelos da vossa cabeça estão contados". Era um domingo. A paróquia, na pessoa do seu vigário, organizava a procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos. Um altar se armava em frente à residência de Dom Joaquim, na rua Cel. Maurício Freire, 115. Fora ele convidado para fazer o sermão do encontro, mas suas forças não o permitiriam mais. Levado à janela pela última vez, viu o cortejo religioso desfilar em sua frente. Aliás, sendo cego, não viu, ou viu com os olhos da alma, que ainda vem a ser uma bela visão panarâmica. Foram suas essas palavras à hora da procissão: "eu assistirei em espírito". Retirou-se, em seguida, debilitado. Apoiou-se à sua cadeira de repouso e rezou as ave-marias à hora do ângelus e recolheu-se aos colóquios divinos. A tarde morria na misticidade daquele domingo; e morria também Dom Joaquim, minutos depois. Suas últimas palavras: "Ó meu Deus, em vossas mãos entrego o meu corpo, a minha alma e toda a minha vida". E ali mesmo, sentado na cadeira, expirou como Samuel, filho de Ana, o último dos juízes de Israel. Celebrara a sua última missa na sexta-feira, 28. Na manhã do dia 31 começaram os preparativos dos seus funerais. Sacerdotes, autoridades, irmandades religiosas e grande número de pessoas se reuniram na histórica residência. A notícia se espalhava com espantosa celeridade. Os corações se constristavam. Todos sentiam aquela irreparável perda. O prefeito de Macaíba decretou luto oficial. O féretro foi levado para a Igreja Matriz e ali o povo lhe prestou a

última homenagem entre lágrimas, sentimentos compungidos e o ofício fúnebre. Encomendou o corpo o Mons. João de Mata Paiva, então vigário geral da Diocese, auxiliado pelo vigário de Macaíba, Pe. João Werberck. Lá estavam os padres Neves Gurgel, Eugênio Sales (hoje Cardeal), Martinho Stenzel, José Sauer, Luiz Kruls, João Wagner e Ulisses Maranhão. O caixão foi, por fim, levado para o cemitério local e baixou à sepultura às 12 horas numa canícula implacável. Nesse instante marria piamente de cansaço e também de insolação um pobre velhinho. Na manhã do dia 30 de abril de 1947, 30 dias do seu falecimento, a Diocese de Natal celebrou exérquias solenes na Catedral Metropolitana. Oficiou-as Dom Marcolino Dantas, então Bispo de Natal. O Pontifical obedeceu à seguinte ordem:

Trono: oficiante Dom Marcolino
Presbítero assistente: Mons. João da Mata
Diáconos: Mons Landim e Pe. Gurgel
Altar: (como diácono) Pe. Eymar L. Monteiro
Altar: (como subdiácono) Con. Eugênio Sales
M. de Cerimônias: Con. José Adelino (hoje bispo)
Oração Fúnebre: Pe. Neves Gurgel
Cantos gregorianos: irmãos Maristas e Seminário de São Pedro.

Pronunciou a Oração Fúnebre o Pe. Francisco das Chagas Neves Gurgel, então, secretário Geral do Bispado. Serviu-lhe de tema uma passagem do II livro da Sabedoria: "Os justos resplandecerão e brilharão como centelhas e imortal é sua memória". Substanciosa apologia ou epitáfio, segundo o modelo grego. Disse o orador, que Dom Joaquim fizera "do sofrimento oculto de 30 anos o maior brasão de sua vida e as armas de sua glória". De fato, o seu lema, *in cruce vita* — a vida está na cruz, gravado no brasão episcopal, sublimou a sua existência.

Sepultado em Macaíba, no dia 30 de março de 1947, seus restos mortais foram exumados no dia 9 de fevereiro de 1951, colocados em uma urna funerária e transportados para a capelinha onde celebrava sua missa votiva, ali repou-

sando até 3 de março quando foram finalmente transladados para Natal.(1) Era uma tarde tristonha. Ônibus e automóveis transportando secerdotes, autoridades, família, fiéis devotos e admiradores acompanhavam a urna de Macaíba a Natal, tendo à frente o Pe. Antônio Chacon, vigário da Paroquia e o Pe. Ulisses Maranhão, último sacerdote vivo ordenado pelo extinto. A Associação dos Escoteiros, chefiada pelo Prof. Luiz Soares, esperava o cortejo no Alecrim, onde receberam a urna e a conduziram nos ombros até à porta da Catedral ao som da Marcha Fúnecre. Recebeu-a alí o Bispo Diocesano, Dom Marcolino Dantas. Registraram-se as presenças do Vigário Geral, Mons. João de Mata, o secretário do Bispado, Pe. Neves Gurgel, o vigário da Sé, Pe. Umberto Galvão. Con. Luiz Wanderle, Pe. Eugênio Sales, Mons. Eymar L'Erestre Monteiro. Pe. Pedro Luz e Frei Jerônimo, superior dos capuchinhos. Não faltaram as Irmandades religiosas. Á entrado do cortejo fúnebre entoou-se o melancólico *Libera* **me Domine** A urna foi depositada junto à Capela de Santíssimo Sacramento. Selaram-na as orações dos parentes, a devoção da família, especialmente, dona Cecília Almeida Macedo, que paciente e religiosamente lavara os ossos antes de colocá-los na urna, fazendo-o com um comportamento divino. Escreveu-se sobre o túmulo um verso latino do Pe. Francisco das Chagas Neves Gurgel:

Hujus vitae, testis virtutis
Fuit custos;
Utque justus, Regis magnalia
in excelsis caneret

"Foi desta vida o guardião e testemunha da virtude para cantar, no céu, as grandezas de Deus".

Assim é o destino dos vivos. Dom Joaquim nunca se ressentiu de amarguras; jamais chorou máguas perdidas no

(1) Os ossos foram exumados no dia 9 de fevereiro, depositados na urna e levados para a Capelinha, em Macaíba, onde celebrou a última missa. Ali permaneceram até o dia 3 de março, quando finalmente se removeram para Natal. Hoje, na Capela, inaugurou-se uma placa comemorativa, homenagem do Prefeito Silvan Pessoa.

fundo do coração. Resignado, abriu, no dilema da vida, o caminho da redenção. Foi ele demasiado grande para adaptar-se a um mundo tão pequeno e tão mesquinho. Sobre seus despojos bem que se poderia parodiar sobre o que escreveu João Ribeiro a respeito de Raimundo Correia e Guimarães Passos: relíquias derradeiras sobre as quais prestamos o culto da saudade. Para todos deixou ele uma palavra de conforto. Lá filosofou Santo Agostinho: *Vita quanto magis crescit, tanto magis decrescit: quanto magis procedit, tanto ad mortem acedit* — "a vida quanto mais cresce mais diminuiu, quanto mais caminha mais perto chega da morte". Assim são as ilusões e desilusões desse mundo. Morreu como um justo. Mas, o nome do dileto filho do Rio Grande do Norte ficará para sempre ligado à historia do episcopado brasileiro e à história da diocese do seu Estado. Na coragem, na trajetória, na campanha evangelizadora, no martírio a que se expôs pela traição da doença, prostrando-o sem lhe abater o ânimo, comparêmo-lo ao Apóstolo das Gentes. Entretanto, Dom Joaquim levou, nos últimos anos, uma vida muito semelhante à de Giovani Francesco Bernardone, mais conhecido como São Francisco de Assis. Conta São Boaventura que pondo-se o filho de Pietro di Bernardone a orar, numa manhã, ao tempo dos festejos pela Exaltação da Santa Cruz, apareceu-lhe um anjo de seis asas e o marcou com os estígmas do Crucificado. A única preocupação do santo da Umbria foi encobrir as feridas e sofrer resignadamente e com divino orgulho. Não fora uma carta circular do Irmão Elias revelando à Ordem tal provação e ninguém jamais o saberia. Outro companheiro de peregrinação, o monge Leão, confessor e amigo íntimo do santo, declarou que a morte do "poverelo" muito se assemelhou "a um justo descido da cruz". Giovani Bernardone viveu os últimos dois anos sofrendo dores atrozes e privado da luz dos olhos, pois contraíra displicentemente uma cegueira. Morreu em 1226, em Porciúncula, e foi sepultado temporariamente na igreja de S. Jorge, em Assis. Canonizado em 1228, somente 4 anos depois de sua morte (1230) e dois anos após a canonização é que seus restos motrais foram transportados para a parte baixa da basílica construída por Elias. Pois bem, sem lenda encantadora e sem as marcas do ferrete seráfico do anjo hexápteto, Dom Joaquim, acompanhado pelo seu próprio anjo da guarda doméstico, suportou, em parte, anos a fio, a mesma santa agonia experimentada pelo santo de Toscana. Humilde

e paupérrimo, renunciou as pompas desse mundo, confortado apenas com as recompensas do outro. Abandonado à contemplação de Deus, identificou-se com os pobres e com eles distribuia as riquezas de seu espírito, o tesouro de seu coração. Soube, com voz mansa e lirismo divino, entoar o "Cântico do Sol" e nunca se preocupou que a "Irmã Morte" o arrebatasse ou o precipitasse no abismo do Céu. Assim viveu e morreu Dom Joaquim de Almeida, primeiro bispo do Rio Grande do Norte.

AUTA DE SOUZA

(1876/1976)

Nascimento em Macaíba	12/09/1876
Batizado	24/09/1876
Ingresso no Colégio São Vicente, em Recife	1888
Contrai tuberculose aos 14 anos	1890
O borbulhar da veia poética	1893
Colaboradora da Revista Oasis (Natal)	1894
Colabora na República	1896
Organiza sua produção poética com o nome Dhalias	1897
Muda o nome de Dhálias para Horto	1899
Olavo Bilac escreve o prefácio para o Horto	1899
Sai o Horto publicado pela A Republica	1900
Morte em Natal	07/02/1901
Transportados seus restos mortais do cemitério do Alecrim para a Matriz de Macaíba	1906

Nota: para maiores informações desses dados, consulte Vida Breve de Auta de Souza, Luiz da Câmara Cascudo (1961).

MACAÍBA HÁ UM SÉCULO
12 DE SETEMBRO DE 1876
NASCIMENTO DE AUTA DE SOUZA

Doze de setembro de 1876. Povoação nascente, traqüila, bucólica e buliçosa. Cinco anos antes do nascimento de Auta, Henrique Pereira, então Presidente da Província, depois Barão de Lucena, dizia maldosamente ser Macaíba uma vila insignificante e atrasadíssima. Eloy de Souza, entretanto, em suas Memórias, só agora publicadas pela Fundação José Augusto, afirma que Macaíba, nessa época, era a capital política do Rio Grande do Norte, centro das atividades e articulações do Partido Liberal, ponto de concentração comercial, base convergente entre o Seridó e o Agreste, Ceará Mirim e São José de Mipibu. Naquele ano de 1876, pertencia ainda ao município de São Gonçalo. Desde 1868 que mudara o nome de Coité para Macaíba, numa cerimônia assaz bizarra. Deve-se o topônimo à fulgurante imaginação do major Fabrício Pedroza, senhor dos Guarapes, que enfeitou aquela palmeira silvestre, reuniu convidados e chamou o vigário da freguesia para benzê-la. Sob as bênçãos de Deus e a invocação da Santa Madre Igreja, operou-se o milagre, sem o incômodo das leis. Os navios da Inglaterra desciam o estuário do Potengi, na maré montante, e aportavam nos Guarapes, onde Fabrício Pedrosa era rei, o porto, um empório, e o pai de Auta exercia as funções de guarda-livro, na firma ali organizada. Dos Guarapes aos arredores de Macaíba situava-se a zona açucareira, porto de embarque e escoadouro de produtos outros. Havia, entretanto, na Povoação nascente, poucas casas. Duas ruas principais bastavam à movimentação. Rodeavam esse povoado árvores frondosas e frutíferas, tais como cajueiros, goiabeiras, laranjeiras, sapotizeiros e coités. Pássaros diversos saltitavam e cantavam em suas ramalheiras. A

natureza vivia em festa. Possuía instrução pública desde 1865. Ferreira Nobre concluía as notas de sua Breve Notícia, publicada em 1877, quando Auta de Souza engatinhava. Engatinhava igualmente a História do Rio Grande do Norte, no seu primeiro ensaio. O mesmo Nobre nos conta haver duas escolas primárias, com 76 alunos nelas matriculados. Eram professores Padre Bernadino de Sena Lustosa, d. Joana de Nazaré Barbosa e Francisco Lustosa Cabral. Pertencia ainda à frequesia de São Gonçalo, curada pelo vigário Manoel Fernandes de Lustosa Lima. Ferreiro Torto e Mangabeira firmavam-se como engenhos açucareiros pertencentes a senhores influentes e prestigiosos políticos. Construía-se a Igreja Matriz sob a invocação de N. S. da Conceição, cuja pedra fundamental fora lançada em 1858 pelo major Fabrício Pedroza, numa solenidade religiosa a que compareceram o vigário de Natal, padre Bartolomeu da Rocha Fagundes, o vigário de São Gonçalo, padre Paulo Monteiro de Lima e mais os padres Alexandre Ferreira Nobre e Francisco de Paula Soares. Nesse mesmo ano do nascimento de Auta de Souza se inaugurava a capela de São José, a crer nas informações do nosso primeiro historiador. Povoação pequena, todavia movimentada. A rua era de chão batido e por ela itineravam os escravos carregando, às costas, sacos de mantimentos. A rua que tem, hoje, o nome de Augusto Severo, naquele tempo chamava-se rua da Pátria e o Grupo Escolar Auta de Souza era a Casa Nova, onde nasceu a poetisa. Destacavam-se três importantes firmas comerciais: Paula, Eloi & Cia, formada pelos sócios Francisco de Paula Rodrigues, avô de Auta, o pai, Eloy Castriciano, e o coronel Tomás Pessoa de Melo. As outras duas pertenciam, uma, ao comendador Joaquim Inácio Pereira, outra, ao major Fabrício Gomes Pedroza. A firma Paula, Eloy & Cia., di-lo Eloy de Souza, "era uma casa bancária, financiadora das safras de açúcar de grande parte dos municípios de Ceará Mirim, São José e do vale de Cajupiranga". Prestavam assistência médica dois famosos homeopatas que se rivalizavam em garrafadas, emplastros, purgativos, depurativos, punções, cristés e xaropes. Operavam milagres em doses preparadas e ministradas aos pacientes em copos nunca acima de meio, cuja tisana se ingeria em colheres de sopa ou de chá, conforme a gravidade da moléstia. Esses dois curandeiros benfazejos chamavam-se José Francisco Areia Zamba e Manuel Laurentino Freire de Alustau Navarro, conhecido como Professor Manuel Navarro,

residente em Papari, com uma fama espalhada numa redondeza de 20 léguas. Os divertimentos eram engraçadíssimos: dividiam-se em danças inocentes, aquilo que Câmara Cascudo chamou de "assustados", coreografadas ao som do piano e intercaladas de recitais. Não faltavam bons vinhos e a cerveja se refrigerava ao pé do pote ou sepultada em areia molhada. Nos dias de estiagem passeava-se a cavalo no melhor estilo dos prados. Os homens usavam culote, botas de couro, perneiras reluzentes, arreios caros e sela alcochoada. As mulheres montavam em silhão, de vestido comprido, estribo de um só lado, um arção semicircular para apoio de uma perna. Feio seria uma mulher vestida de homem sentada numa sela com as pernas bifurcadas. Não sei se os pregadores do tempo ameaçavam as mulheres com a passagem do Deuteronômio que sentenciava: "a mulher vestida de homem é abominável diante de Deus". Moisés gostava delas em roupas mais leves. Outros divertimentos freqüentes e usuais eram as novenas, festividades religiosas, procissões de santos votivos, as santas missões junto às capelas e cruzeiros, pregadas pelos frades barbadinhos sob ameaças de terríveis castigos celestiais, penitências duras, caso quebrassem os preceitos da "Santa Religião". Nessas pregações faziam-se e refaziam-se casamentos, ministravam-se sacramentos outros reservados às desobrigas. Em meio a tudo isso, corria o bumba-meu-boi, dançavam-se congos, organizavam-se cavalhadas, espécie de justa de cavalaria adaptada ao Nordeste; não faltavam fandangos e vaquejadas. As vaquejadas não eram assim como as de hoje. Diz ainda Eloy de Souza que o boi se derrubava a ferrão e exigia mais coragem e mais destreza do vaqueiro e da esteira. Os santos mais festejados e lembrados eram S. Pedro, fundador da Igreja de Cristo, Santo Antônio, amigo das moças e protetor dos casamentos, São Bento que curava mordedura de cobras venenosas e São Braz, bispo, que desengasgava os gulosos que atravessavam a garganta com um osso de galinha gorda ou uma possante espinha de peixe. São Benedito ainda estava em moda, tinha nicho na Matriz de S. Gonçalo e protegia os negros escravos. A iluminação se fazia a bico de candeeiro: toadas e modinhas enchiam as noites calmas. Havia umas casas mais sofisticadas que poderiam ser incluídas no mesmo ritmo da narrativa que aquele simplório piauiense fez, em carta, à mãe, sobre a primitiva iluminação de Parnaíba.

— "Mamãe. A luz aqui é feita de gazôme. Não precisa pavio nem trucida de algodão mode acendê. É só distrocê uma tornera como quem tira cachaça de ancoreta e risca um fosco que a luz acende biatamente e é tão culara que faiz inté gosto". Macaíba tinha lá as suas idiossincrasias adaptadas ao seu tempo. Imagine-se que na Guerra de Secessão, na América do Norte, uns 14 ou 13 anos antes de nascer Auta de Souza (1861-1865), a povoação progrediu assustadoramente graças à alta do preço do algodão e do açúcar. A feira virou mercado persa, *forum* romano ou templo judaico. Agricultores e comerciantes multiplicaram seus haveres; aumentaram-se os lucros a cento por um e "passaram a gastar a mãos largas". Importavam selas da Inglaterra, botas da Rússia, sedas da China e usavam, nas montarias, arreios de prata. Viveu-se aquele período áureo que o próprio Eloy de Souza classificou "de ostentação transitória", semelhante a Olinda ao tempo de Fernão Cardim, o que Mário Sette descreveu como "um delírio de ostentação".

Papai Noel ainda não visitara o Brasil, metido nas suas botas de sete léguas. Os encantos do natal emanavam da Mangedoura de Belém, na simplicidade do Presépio ou do Retábulo que Francisco de Assis introduziu numa gruta de Graccio, nos idos de 1223, para celebrar a natividade do Menino Jesus e a adoração dos pastores. Nada de árvore simbólica decorada com falsa neve em tiras de algodão sanforizado, semelhante a algodão doce à espera das formigas. Dos nórdicos tinha-se a notícia de seus olhos azuis, rostos avermelhados e cabelos cor de fogo. Os presentes natalinos às crianças desciam do céu, distribuídos pela mão de Deus. Assim poetava o cearense Antônio Sales quando Auta estudava com as religiosas vicentinas:

NATAL

Noite de Natal, Tereza
Brincou, correu seca e meca
E enfim de cansaço presa
Foi dormir sua soneca

Quando acordou que surpresa
Vendo ao lado uma boneca
— Rosada como uma inglesa
— Loira como uma sueca

Vestiu-se de doudo afã
E em procura da manhã
De porta a fora correu...

E ao vê-la, disse Mãezinha
Olha essa bonequinha
Que Nosso Senhor me deu.

Poesia simples, ingênua, porém perspicaz e penetrante

Castro Alves era a voz que clamava nas cidades, penetrava no sertão, ecoava no litoral; ouvia-se de norte a sul. Sua poesia patriótica e vibrante, à maneira de What Whitman, flutuava com as espumas, açoitava, como tufão, o convés e o tombadilho dos navios negreiros, penetrava nos mocambos, acompanhava o escravo Lucas no flanco da serra e descia com ele pela solitária ladeira, improvisando cantigas de uma ternura incomparável:

"Eu gosto dessas cantigas
Que me vêm lembrar a infância
São minhas velhas amigas
Por elas morro de amor...
Deixai ouvir a toada
Do cativo lenhador".

Esta era uma voz que, decerto, não chamava no deserto.

NASCIMENTO E MENINICE DE AUTA

No ano seguinte ao nascimento de Auta (1877), Macaíba passou a município e ocupou a estreita faixa de terra que nascia nos Guarapes e morria em Serra Caiada. O homem mais respeitável do lugar, na opinião de Eloy de Souza, não era o major Fabrício Pedroza, mas, sim, o coronel João Batista de Vasconcelos, pela sua lealdade, sinceridade, disposição e coragem. Frei Serafim de Catânia, missionário de fé inabalável, o frei Damião da época, assombrava meio mundo e ai do vilarejo sobre o qual ele batesse o pó das alparcatas em sinal de desprezo. Certa vez, desentendeu-se com dirigentes de Utinga, excomungou uma gameleira onde

se organizara uma feirinha, os feirantes debandaram assombrados e a feira acabou-se até hoje. O castigo empobreceu Utinga, mas dele beneficiou-se Macaíba, onde a feira local prosperou em gênero alimentício e número de freqüentadores. Assim são as coisas desse mundo de meu Deus. A povoação de Macaíba embarcava, pelo seu porto, açúcar, algodão e couros salgados. Não se decretara, ainda, a lei estadual para fixar sua receita ou determinar sua despesa, segundo anotação de Ferreira Nobre. Ligava-se com Natal pelo transporte fluvial na crista da maré montante. Pelas águas plácidas, remanceadas, borbulhando nas margens, alagando os mangues sapateiros, deslisavam os botes de velas brancas, as barcaças Dona Silvinha e Henriqueta, o cúter Cacique de propriedade do pai de Auta. Apontavam-se os botes de João Biname e de João Grande, mestres habilidosíssimos, conhecedores dos mistérios do rio, donos dos segredos das rotas, destros no leme, na vara e na vela. Os homens dormiam de chambre, e as mulheres, de touca. Nessa paisagem tranqüila e saudosa, serena e dolente, de casario baixo e esparso, de chão batido e influência política, mergulhada ainda na tradição viva daquele sótão entre duas fazendas de gado pertencentes a José Coelho e José Álvares, iluminada pelos clarões da lua cheia e os revérberos do sol tropical, nesse ambiente de brisa fresca, imune de qualquer poluição, nasceu, no dia 12 de setembro de 1876, aquela que seria a poetisa do Horto. Nasceu Auta de Souza na Casa Nova, na rua do Comércio, casa construída por mestre Timóteo, velho amigo da família. Até 1875, seus pais moravam na casa do porto, na rua da Praia, às margens do rio Jundiaí, onde nasceram Henrique Castriciano e Irineu. Batizou-se Auta 12 dias depois, possívelmente na Capela de S. José, sendo oficiante o padre Bernadino de Souza Ferreira Lustosa. Auta foi a única filha moça do casal Eloy Castriciano de Souza e Henriqueta Leopoldina. Advinha-se a felicidade e a alegria que a menina trouxe àquele lar. Meiga, terna, frágil, cresceu tímida, instruída na tradição religiosa catolicamente concebida. Dividiu sua infância entre as memórias de Ferreiro Torto, Mangabeira, Guarapes. Viveu entre Utinga, Araçá e Jundiaí. Os anos vieram vindo e com eles as alegrias e decepções. Cedo perdeu os pais. A mãe morreu em Jundiaí, em 1879. O pai faleceu em Macaíba, em 1881. Ambos prematuramente, ela com 27 anos, ele aos 45. Auta foi criada pela avó materna, Silvinha de Paula Rodrigues, na intimida-

de, Didinha. Sua vida é marcada pela perda dos entes mais queridos da família. Aos 11 anos, testemunha lamentável tragédia doméstica: vê o mano João Câncio morrer queimado numa explosão de candeeiro, aquilo que o irmão Henrique denominou de "noite de assombração". Em todas as épocas e em todos os lugares do mundo, nas fases naturais por que passa a humanidade, houve tragédias públicas e domésticas de conseqüências desagradáveis. Catulo, o grande poeta latino, nascido sob o luar de Verona, muito apegado aos afetos familiares na curta existência que os deuses de então lhe permitiram, comoveu-se profundamente com a morte de um seu irmão. Na dedicatória de seus poemas a Q. Hortensius Hortulus refere-se a esta perda irreparável com indizível constrangimento. Era Hortensius o mais bem acabado orador romano, igual ou superior a Cícero, figura elegante e elegante eloqüência, dotado da memória mais fulgurante que o Forum já teve conhecimento: e o poeta do *De coma Berenicis* e de *Odi et Amo: quare id faciam fortasse requiras*, na sua dor, escolhera bem o alvo para descarregar as suas sentidas máguas. Quarenta e nove anos antes do incêndio de Irineu, já o vigário de Natal, Pe. Feliciano José Dorneles, que exercera o pastoreio durante 58 anos, morria igualmente queimado, nos seus aposentos. numa dessas "explosões de candeeiro", segundo nos conta Tavares de Lira. Depois de receber os primeiros rudimentos de português e aritmética, segue para Recife onde vai estudar no Colégio São Vicente de Paula com as religiosas francesas. Evitarei detalhes supérfluos. Veja-se a sua Vida Breve, biografada por Luís da Câmara Cascudo, decalcada nas Memórias de Eloy de Souza, enriquecida com anotações e observações pessoais, e viu-se tudo. Auta cresceu no espaçoso quintal de sua chácara entre árvores, arbustos, roseiras, lírios, canto de graúna, sabiá, xexéu. Não foi uma menina triste. Desenvolveu sua infância como todo ser humano. sadio e normal, bulicosa, travessa, curiosa. Os carinhos da avó e os confortos da religião complementaram o quadro emocional e místico de sua primeira infância. Atinge a adolescência, as mutações biológicas, as inquietudes da menina-moça. A tuberculose assaltou-a aos 14 anos e fê-la triste. Aos 15, versejava no melhor estilo lírico e sentimental. A poetisa vai evoluindo, a musa borbulhando em cânticos harmoniosos, inspirando as produções do espírito. Nascem as DÁLIAS no festim do seu Olimpo caseiro, perfumado pelo jasmineiro de estimação. Seu estro, ora doce, ora amar-

go, leva-a espontaneamente ao HORTO, como outrora lá ia Jesus contemplar as torrentes do Cedron e meditar, à sombra das oliveiras, sobre os mistérios da morte. Esta inspiração poética mereceu-lhe justas considerações dos melhores críticos: Nestor Vitor, Olavo Bilac, Jackson de Figueiredo, Tristão de Athaíde. Cascudo lhe comentou os inéditos. Artur Pinto da Rocha, rio-grandense do sul, poeta e político, colega do irmão Eloy na constituinte de 1897, anotara-lhe carinhosamente os originais de o HORTO. Agripino Griecco chamou-a de "dulcíssima" na "dolência própria dos mestiços" e achava mesmo que nas suas "orgias românticas de menina tropical respirava (Auta), nas noites de lua, o *incenso agreste da jurema em flor*". Colocou-a o grande crítico acima de Cecília Meireles, poetisa do *Nunca Mais*, esprimida entre o parnasianismo ático e o simbolismo nefelibata. Aquela flor de jurema vem na última linha do soneto *Caminhos do Sertão* incluído em O Horto. O mano Castriciano utilizou-se da mesma imagem poética no seu *Aboio* e lá está:

> Quando os carnaubais, movendo a verde palma,
> E as juremas, em flor, cantam hinos à vida
> Pela voz sem igual das graúnas sentidas...

Não fica mal a imitação poética porque fica entre irmãos e, ao que me consta, a família era muito unida. Outro que andou trescalando o mesmo perfume sivestre foi o Francisco Amorim e no seu soneto *Seriema* recorda o "penasco, o campo rasgado" com "as expressões febris do juremal florido". E assim a leguminosa sertaneja que produz espinhos para coroar tantos mártires campestres, floresceu o suficiente no lirismo potiguar com emanações aromáticas para parentes e amigos.

A POESIA DE AUTA DE SOUZA

Não analisarei aqui, seus madrigais e cromos. Não nos sobra mais tempo nesta belíssima noite de recordações vivas e vividas. Direi apenas que sua poesia não é tão mística nem tão angélica ou tão virtuosa como se tem apregoado. Tudo que se tem dito dela é merecido, mas sua inspiração foi mais ativa do que contemplativa. Talvez seja até exagero considerar essa poesia essencialmente católica. Sua poesia brota

dos anseios da alma num coração que amou a vida e não a morte. E lá está no Evangelho que todo "aquele que aborrece sua vida, conservá-la-á para a vida eterna". Esse desprezo às coisas terrenas, esse exagero meditativo, essa imolação resignada teve-a Santa Tereza e teve-a também o gênio desprendido que idealizou a Imitação de Cristo. Auta de Souza, não. E isso não constitui demérito algum. Se viveu nesse estado de graça, que lhe vem sendo atribuído, por que assinou poemas e sonetos com pseudônimo masculino? Sua poesia é amarga, sofrida, espiritual, sem dúvida, mas dentro da normalidade da mulher que desejava ser amada, ser correspondida nas suas aspirações femininas. Deixou uma mensagem maternal às crianças de sua terra e isso é meigo, terno, risonho, humano, enfim. Sublime e não divino. Todo poeta se assemelha, aqui e além, na inspiração, na ternura, nos eflúvios da alma, no compasso do coração, na cadência das emoções. Alphonsus de Guimarães, por exemplo, na pujança do seu estro, gabava-se de participar da intimidade de Deus mais do que, talvez, os jesuitas privem da Companhia de Jesus:

Ninguém anda com Deus mais do que ando
Ninguém segue seus passos como eu sigo
Não bendigo a ninguém e nem maldigo
Tudo é morte num peito miserando.

Fora essa prece mística recitada na sinagoga, nos tempos de Cristo, e não faltaria exegeta para compará-la à parábola do fariseu e do publicano. São inúmeros os poetas que se preocupam com as crianças, com esta e a outra vida, com a morte, com Deus, enfim. Jonathas Serrano cantou o riso, os olhos, a alma, a criança toda. Augusto dos Anjos, tão acusado de lúgubre e mórbido, tem esse raio de luz celeste iluminando os despojos do seu pai:

Madrugada de treze de janeiro
Rezo, sonhando, o ofício da agonia
Meu pai nessa hora junto a mim morria
Sem um gemido, assim como um cordeiro

E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro.
Quando acordei, cuidei que ele dormia,
E disse à minha mãe que me dizia:
"Acorda-o"! deixa-o, mãe, dormir primeiro

E saí para ver a Natureza!
Em tudo o mesmo abismo de beleza,
Nem uma névoa no estrelado véu...

Mas pareceu-me, entre as estrelas flóreas,
Como Elias, num carro azul de glórias,
Ver a alma de meu pai subindo ao céu.

Não é essa composição essencialmente mística? Decerto.

E Augusto dos Anjos nunca teve pretensões ao misticismo.

Auta era dotada de coração e sentimento, de alma, carne e nervo. Jamais sonhou alcançar a beatificação no ano do seu centenário de nascimento. Auta amou e romanticamente sonhou. Aos 23 anos apaixonou-se pelo jovem João Leopoldo da Silva Loureiro que desceu da Paraíba para exercer, em Macaíba, o cargo de promotor público. O romance pouco durou porque o príncipe paraibano (e vez por outra alguém da Paraíba se faz príncipe no Rio Grande do Norte) detentor das leis e dos costumes, morreu ilegalmente na sua terra natal, três anos após o namoro, que também foi público como as suas funções de magistrado. Isso foi o bastante para que as DÁLIAS se metamorfoseassem no HORTO. Desse amor irremediavelmente perdido desabrocha esse desabafo, com o título de EXTINTO:

Não me perguntes se amei nem quanto
Meus pobres olhos hão por ti chorado
Ai! Não queiras saber se foste amado
Entre sorrisos, se há dor no pranto

Não queiras não. Eu te adorava tanto,
Que o amor em tempo já passado
Maior era que o Mundo e tão sagrado
Como as ondas do mar sereno e santo

Hoje não te amo mais. Quero desfeito
Todo um passado que me trouxe ao peito
Entre eternas lágrimas sem fim

Quanto chorei por ti! Às vezes penso
Que além no azul talvez o Céu imenso
Em noites sem luar não chore assim.

Isso chamava-se, há 10 anos, na linguagem, aqui, da minha terra (não sei se ainda chamam) poeticamente "paixão recolhida". Nada de misticismo piegas nem devoção de filha de Maria ou colóquios íntimos de Esposa de Jesus. Uma curiosidade a mais e terminaremos a nossa contribuição no ano do centenário.

Vamos a ela, que as horas de prazer voam ligeiras, como poetava o não menos saudoso Bocage. Pois bem. Por que Auta de Souza assinou-se com o pseudônimo masculino de Hilário das Neves? Infuência de Amadine Aurore Lucile Dudevant, conhecida literalmente por George Sand, a mulher que traiu Musset e destruiu Chopin? Não era Chopin ouvido ao piano nos saraus de família? Morria Aurora Dudevant no mesmo ano em que nascia Auta, mas sua obra teve grande repercussão quando Auta estudava com as freiras vicentinas, em Recife. Não fora George Sand, a inocente Aurora, nos seus anos de ternura, também educada com as irmãs agustinianas e por muito tempo não se deixara levar pelo misticismo relígioso, até que perdeu a inocência e rompeu com os liames morais? Um dos seus amantes, com quem viveu 15 anos, Alexandre Manceau, pelo qual verdadeiramente apaixonou-se, não morreu tuberculoso? Em carta a Flaubert, não mencionava Aurora Dudevant a "santidade da natureza"? Teria Auta de Souza conhecido os escritos daquela outra mulher homem, Mary Anne Evans. romancista da era vitoriana. que se assinava George Elliot? Mary Anne ou George Elliot estreou com um conto meigo, aparentemente religioso, evocando as memórias da infância e com um título sugestivo de **As Desventuras do Reverendo Barton**. O irmão Eloy de Souza, nas **Memórias** da família, assegurava que Auta conhecia bem o inglês e o francês. De que lhe serviria o domínio desses idiomas se seus olhos não lobrigassem páginas mais ousadas do que a leitura medíocre de Vasco Lobeira. Será que ela só experimentava emoção naquela insípida História de Carlos Magno e os Doze Pares de França? Não creio. O seu colega de gênio, o poeta Antônio Gonçalves Dias, também se deliciava, na meninice. com esse Carlos Magno de meio de feira. Coisas da meninice. Bem, o certo mesmo é que Auta escreveu versos com nome de homem e isso nos basta. De certo modo, passou ela essa vida como aquela poetisa americana, contemporânea de Bret Hart e Mark Twain, Emily Dickinson. Essa, Auta jamais co-

nheceu e nem de seus versos fez ela idéia alguma. Entretanto, coincidentemente, eram emocionalmente parecidas, pois ambas versejaram sem grandes preocupações de imortalidade ou glória futura. Emily Dickinson, que também frustrou-se no amor, escreveu o que ela chamou ou chamaram por ela **Toil of Love**; e para comparar esses dois temperamentos distantes e semelhantes, segue-se a tradução que tentei fazer num esforço de interpretação. Conservei, contudo, o mesmo ritmo e estilo para ser fiel à mulher de Massachusetts. Chamemos a essa compungida inspiração:

A DOR DO AMOR

Não tive tempo para odiar porque
Não me permitiria a sepultura,
Nem tão extensa a vida me seria
Para extinguir um ódio que perdura

Nem tive tempo para amar; porém,
Desde que deve haver um meio, enfim,
Achei que a pequenina dor do amor
Fosse demasiada para mim.

Do mesmo modo comportou-se a poetisa macaibense.

O MAL DO SÉCULO

Auta de Souza morreu em Natal, na madrugada de 7 de fevereiro de 1901, com 24 anos, 4 meses e 26 dias. A tuberculose, como o romantismo, dos Suspiros Poéticos, era o mal do século e o bacilo de Kock tinha especial predileção pelos rapsodos, mais do que mesmo pelos prosadores. Mas, nem só de hemopitise morria precocemente o poeta. Entretanto, a "peste branca", como também se chamava, encontrou nos pulmões "inspirados" campo propício para desempenhar o seu papel patogênico. De Castro Alves a Augusto dos Anjos foram muitos os românticos que deixaram esse mundo apressadamente atacados pela tísica. Outros desapareciam moços de qualquer doença.

Basta que recordemos, entre alguns, o doce Casimiro de Abreu, também de saúde fraca e vida um tanto extrava-

gante, que lá se foi aos 21 anos. E ele que não esquecia seus *Oito Anos* e tinha grandes *Saudades da Aurora* de sua *Vida*, ele que desesperadamente pedia a Deus: *"Se eu tenho que morrer na flor dos anos, meu Deus não seja já"*. Deus não lhe escutou a prece. Fagundes Varela, nômade e vagabundo, embora embriagado de sol, desapareceu prematura e tristemente aos 34, abandonado a uma sargeta e coberto de lama. Desfraudou o seu *Estandarte Auriverde* e nos deixou as vibrações angustiosas do seu *Cântico do Calvário*.

Adelino Fontoura, depois de transitar pela Cidade Luz, morreu tuberculoso aos 29 anos levando sua *Beatriz* e nos dando seu *Fruto Proibido*. Azevedo Cruz, da mesma raça de Auta de Souza, foi vítima da "peste branca" e desapareceu aos 38. Raul de Leoni, o poeta que selecionou *"a argila de que são feitas as criaturas raras"* e que pensava que dentro de todos nós *"gritam as nobres taras daquela Grécia esplêndida e tranqüila"*, extinguiu-se aos trinta. Isso para mencionar poucos exemplos. Nem todos tiveram a sorte de Manoel Bandeira que depois de fazer vilegiatura na Europa à procura de clima adequado aos seus pulmões, acabou octagenário sobrevivendo ao mal de Kock e vivendo entre *"A Cinza das Horas"*. É que no seu tempo a tuberculose já encontrara cura.

Em todos os tempos houve moléstias e epidemias infecciosas que dizimaram poetas, prosadores e o comum dos mortais, levando para o túmulo grande parte da espécie humana. A primeira praga de que se tem notícia foi a peste de Atenas no século das Guerras Médicas e no século em que Fídias andou se apropriando do ouro e do marfim destinados à estátua de Atena Partenos, o primeiro exemplo do *bom ladrão*. Pois este surto epidêmico matou a muitos, deixou outros tantos em estado de letargia, vitimou um terço do melhor das tropas, sacrificando 2 filhos de Péricles e, um ano depois (429), o próprio Péricles.

Samuel, o último juiz de Israel, o magistrado que a pedido do povo hebreu destronou o próprio Deus para ungir Saul seu primeiro rei, (um governante de carne, osso e muito nervo) nos dá conta, no seu Primeiro Livro, de uma peste bubônica que provocava tumores e ulcerações e que durante sete meses atacou e contaminou os campos e as aldeias,

matando impiedosamente milhares de filisteus, tudo isso por mau contato com a Arca da Aliança e porque assim desejava o Senhor. Isso aconteceu 11 séculos antes de Jesus Cristo.

No tempo de Antonino uma epidemia de tifo contaminou as legiões romanas e desafiou os conhecimentos médicos de Galeno, o clínico do momento. Na Idade Média, já sob a proteção do Novo Testamento, apareceu o "fogo de Santo Antão" — *ignis sacer* — o fogo sagrado — que necrosava os tecidos e apodrecia os corpos. Essa dança macabra tomou o nome daquele anacoreta de Tebaida que morreu lá pelo século IV, enquanto essa desgraça se alastrava no século IX e não vejo razão nenhuma para tal analogia, só porque aquele fundador da ordem monástica via atormentadamente o demônio face a face. Resultado: a cidade da Aquitânia desapareceu com seus habitantes putrefatos.

Ao tempo da Guerra das Duas Rosas, a Inglaterra infestou-se de um tal **sudor anglicus** — o suor inglês — também conhecido como febre militar, e humor aquoso ou a excreção segregada pelas glânduas sudoríperas alagava o corpo e alagava meio mundo no mais nauseabundo bodum. Isso no tempo de Ricardo III e essa miasma pestilenta transportou, pela barca de Caronte, ao mundo das sombras, uma infinidade de beligerentes e pacificadores. Já no século XVI tivemos outra dança estranha e indesejável denominada **Dança de São Guido** que fez vítimas aos pares e se arrastou por muito tempo em rítmo pernicioso quando damas e cavalheiros eram mordidos pela infecciosa tarântula, obrigados a dançar descompassadamente a tarantela maldita.

Por último apareceu a varíola, a tuberculose, o empaludismo. Em todos os momentos da história o homem tem sido atormentado por essas calamidades. Aí está o câncer, a parada cardíaca e até a contorcida escoliose, a mais simpática de todas as maléstias: dói, mas não mata; o máximo que sucede é o desnivelamento da coluna. E porque agora teremos que lamentar a vida inteira as hemopitisses de Auta? O que passou, passou, como me disse uma vez um médico de pele. Vivamos a sua poesia que é sua alma em trinado de sabiá no olho do pau-d'arco florido. Vamos pela **Estrada A Fora** cantando a **Regina Coeli** ao **Crepúsculo** ou nos atiremos pelos **Caminhos do Sertão** ao **Cair da Noite** sob o

Clarão do Luar. Ela que gostava de "contemplar o coração de uma flor" e confessava: "Sorrindo, acreditei que aqui, no mundo, podia ser feliz... Enganei-me". Essa, sim, é Auta de Souza no melhor de sua inspiração.

Ela viveu um passado tranqüilo e lento no qual um cruzeiro, uma capelinha, a hora do angelus, uma campa, um cipreste, uma rosa, um passarinho saltitante, a floresta ou o riso de uma criança dominavam, por excelência, os temas românticos. Existência breve, vida frágil, atormentada pela doença que a vitimou. Não dispôs de muito tempo para amar nem lhe sobrou instantes para odiar. Foi sepultada no cemitério do Alecrim. Em 1906, porém, seus despojos foram exumados e transladados para a Matriz de Macaíba, colocados seus ossos no jazigo da família. A Academia Norte-rio-grandense de Letras, por proposta do sócio Paulo Viveiros, dedicou-lhe uma lápide acompanhada de dois versos seus, que servem de epitáfio::

Longe da mágoa, enfim, no céu repousa
Quem sofreu muito e quem amou demais.

Amou o que ou a quem? Amou a vida nos poucos dias que Deus lhe reservou aqui na terra. Na Academia, é patrona da cadeira nº 20, na qual empossou-se como fundadora a Poetisa Palmira Wanderley. Veríssimo de Melo lhe fez a competente justificativa na posse da cadeira. Na data de seu centenário, a Academia Norte-rio-grandense de Letras lhe prestou, em Macaíba, na minha pequena contribuição, em cerimônia acadêmica, presidida pelo confrade Onofre Lopes, justa homenagem. O Instituto Histórico sob a invocação de Enélio Petrovich repetiu essas sentidas evocações, essa eloquente manifestação de carinho. Há existências que são marcadas pelo sofrimento e pela desilusão. Auta de Souza foi uma delas. Sua vida parece marcada com aquele lamento magoado de Manuel Bandeira:

Sou bem nascido. Menino
Fui como os demais feliz
Depois veio o destino
E fez de mim o que quis.

Destino ingrato e irônico. Nas Baladas, de Belmiro Braga, atiramo-nos pela estrada da vida com acabrunhante desalento:

Do berço à tumba há um caminho
Que todos têm de transpor
De passo a passo um espinho
De légua em légua uma flor.

Auta de Souza, se molhou os pés no fresco orvalho da manhã, cedo os feriu nas urzes do caminho. Colheu, porém, algumas rosas rubras e "lírios roxos" com que ornamentou o jardim de suas inquietações, o seu canteiro nostálgico, irrigado com as lágrimas de seus próprios olhos.

Finalizando, invoquemos os cinamomos de Alphonsus de Guimarães para panteisticamente prantear, em rítmo de canção e oração, a saudade do morto querido.

Hão de chorar por ela os cinamomos
Murchando as flores no tombar do dia
Dos laranjais hão de cair os pomos
Lembrando-se daquela que os colhia.

(Palestra pronunciada em Macaíba, no dia 12 de setembro de 1976 e no Instituto Histórico em dezembro do mesmo ano).

ERRATA.

Na pág. 24, rodapé, onde se lê: "vê Diário de... 1895", leia-se: de 1911.

Na pág. 30, linha 35, onde se lê — GURRA; leia-se: Guerra.

Na pág. 15, linha 3ª, onde se lê: "o mano João Câncio", leia-se: o mano Irineu.

Composto e impresso
na Gráfica Manimbu
Rua Açu, 666 — Natal